



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**  
**DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS**  
**CURSO DE JORNALISMO**

Dioni Willian Trindade de Lima  
Sávio Leite Santos

**Terra de Guerreiros: a história do jiu-jitsu amapaense**

**Macapá - AP**  
**2019**



**Universidade Federal do Amapá**  
**Departamento de Letras, Artes e Comunicação**  
**Colegiado de Jornalismo**  
**Trabalho de Conclusão de Curso**

Dioni Willian Trindade de Lima  
Sávio Leite Santos

**Terra de Guerreiros: a história do jiu-jitsu amapaense**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Departamento de Letras, Artes e Comunicação, apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) na modalidade projeto experimental.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Ferreira Saar

**Macapá - AP**  
**2019**

## **Dedicatória**

Dedico aos meus filhos, Willian Emanuel e João Artur, a minha esposa Simara Ferreira e aos meus pais, Ana Rosa, Junior Duarte, e ao meu padrasto Sérgio Souza, e a todos que me incentivaram para conquistar essa vitória.

Dioni Willian Trindade de Lima

Dedico este trabalho aos meus pais, Reinaldo da Silva Santos e Leide Maria Leite Medeiros, que sempre me apoiaram e deram forças para que eu continuasse a caminhada na vida acadêmica.

Sávio Leite Santos

## **Epígrafe**

A melhor preparação para a função jornalística será certamente jogada ao lixo se não for acompanhada de rigorosa honestidade no trabalho jornalístico. (ROSSI, 2007, p.73)

ROSSI, Clovis (1943-2019)

## **Agradecimentos**

Agradecemos aos entrevistados pela disponibilidade de conceder as entrevistas para que este documentário fosse realizado, sem estes personagens não seria possível construir este produto audiovisual. Afinal, eles são a memória do jiu-jitsu amapaense.

Ao nosso orientador, professor doutor Jefferson Ferreira Saar, externamos os devidos agradecimentos por ter acreditado neste trabalho, pela disposição em ajudar com as orientações que foram essenciais para lapidar o produto final, que consiste no memorial e o documentário audiovisual.

# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>PROBLEMA DE PESQUISA .....</b>	<b>9</b>
<b>3</b>	<b>JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>9</b>
<b>4</b>	<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>12</b>
<b>4.1</b>	<b>Objetivo Geral .....</b>	<b>13</b>
<b>4.2</b>	<b>Objetivo Específico.....</b>	<b>13</b>
<b>5</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>13</b>
<b>6</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>20</b>
<b>7</b>	<b>DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....</b>	<b>24</b>
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>25</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>27</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>29</b>

## Terra de Guerreiros: a história do jiu-jitsu amapaense

Dioni Willian Trindade de Lima<sup>1</sup>  
Sávio Leite Santos<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso relata por meio de documentário audiovisual, na modalidade projeto experimental, o processo de implantação do jiu-jitsu no estado do Amapá. Este produto de comunicação mostra relatos e arquivos pessoais dos faixas pretas participantes da evolução do esporte para entender os caminhos percorridos durante os 23 anos de inserção do jiu-jitsu no Estado. Apresenta também como se dá a aceitação na comunidade local, bem como o espaço conquistado pelas mulheres no esporte são demonstrados neste documentário.

**Palavras-chave:** jornalismo esportivo; documentário; jiu-jitsu; Amapá.

### ABSTRACT

This work of course completion intends to report, through an audiovisual documentary, in the experimental project modality, the process of implantation of jiu-jitsu in the state of Amapá. This communication product aims to obtain reports and personal files of the black belts participating in the evolution of the sport to understand the paths covered during the 23 years of insertion of jiu-jitsu in the State. Acceptance in the community as well as the space conquered by women in sport will be demonstrated in this documentary.

**Keywords:** sports journalism; documentary; Jiu Jitsu; Amapá.

---

<sup>1</sup> Aluno do curso de jornalismo da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. dionitlima@gmail.com.

<sup>2</sup> Aluno do curso de jornalismo da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. saviroleite96@gmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

Este documentário audiovisual esportivo demonstra o processo de evolução do jiu-jitsu no estado do Amapá, por meio de entrevistas com os principais nomes do esporte, abordando as fases da evolução desta arte marcial no Amapá. Desde sua implementação no território amapaense, o desenvolvimento para conquistar adeptos para que continuasse sendo praticada e a atual situação, na qual há milhares de praticantes e um número relevante de competições organizadas pelas duas principais organizações: Federação de Jiu-Jitsu Amapaense (FJJA) e Federação de Jiu-Jitsu do Estado do Amapá (FEJJA).

O produto foi desenvolvido para suprir a carência de material voltado para o público admirador de esportes, que apenas obtêm notícias sobre o futebol o qual tem maior destaque nos meios de comunicação local.

Já houve programas televisivos destinados para os esportes de combate como o programa “Clube do Faixa Preta”, de 2011, este que atualmente possui uma página no Facebook com o mesmo nome, e o “Programa a Hora da Luta”, do ano de 2015, (informações retiradas do canal do Youtube “Portal Wazari”, disponível em: <https://youtu.be/szSvC1qnqQY>). Ambos os programas citados tinham o foco no MMA pela grande quantidade de eventos da modalidade realizados na época. Quando ocorria uma competição de jiu-jitsu promoviam coberturas e visitas nas academias. Os dois programas televisivos não estão mais no ar.

No dia 27 de julho de 2019 foi ao ar, na TV Tucuju, o programa “Arte Suave”, apresentado aos sábados pelo presidente da FJJA, o faixa preta de jiu-jitsu Tadeu Beltrão. A programação é voltada exclusivamente para a modalidade esportiva abordada nesta pesquisa, o programa também promove entrevistas com atletas e com professores de jiu-jitsu, realizando também coberturas dos eventos realizados pelas Federações de Jiu-Jitsu.

Estas iniciativas, em sua maioria, foram promovidas por pessoas envolvidas com o esporte de alguma maneira, pela falta de produção da mídia local eles decidiram efetuar as produções sobre o estilo de luta, isso claro, devido o grande crescimento que o esporte teve no Estado e no Brasil. Mesmo assim, ainda é pequeno o leque que atletas, praticantes, admiradores, mestres e professores têm para obter informações sobre o esporte. Desta forma, torna-se mais difícil a divulgação para as pessoas que nunca ouviram falar da modalidade.

Este trabalho traça uma linha narrativa para contar a história do jiu-jitsu no estado do Amapá, explanando desde suas fases iniciais e as dificuldades enfrentadas até os benefícios

alcançados e perspectivas futuras. Os elementos aqui abordados servem para demonstrar que no Amapá há uma modalidade esportiva que tem uma grande relevância, pelo seu crescimento constante. Por esta razão foi imprescindível a elaboração deste projeto audiovisual, destaca-se que este servirá como uma forma de eternizar as lembranças daqueles que fizeram parte da história do jiu-jitsu no território amapaense.

A pesquisa voltada para a construção deste memorial foi realizada por meio de consultas bibliográficas, acesso a documentários esportivos de jiu-jitsu, análise de documentos cedidos pelos participantes e informações acessadas nos veículos disponíveis na internet para buscar dados de relevância sobre o tema, com a finalidade de entrelaçar esses elementos, buscando relação entre eles para fundamentar este produto de comunicação.

## **2 PROBLEMA DE PESQUISA**

Observamos que os veículos de comunicação do Amapá não efetuaram uma produção destinada ao aprofundamento da história do Jiu-Jitsu no estado Amapá. As produções realizadas falam dos campeonatos, de projetos sociais ou de atletas que conseguem lutar em competições nacionais e internacionais.

Hoje, existem duas Fan Pages no Facebook que tratam da divulgação do esporte no Estado, o Clube do Faixa Preta, divulga notícias de competições, seminários e ações sociais; e o Mata Leão, que é voltado na realização de cobertura fotográfica e postagens dos dias que serão promovidos os campeonatos no Amapá. Ambos são de conhecimento do público praticante de artes marciais, mas os mesmos não efetuaram nenhuma produção para explicar as fases que o Jiu-Jitsu amapaense teve.

A respeito desta situação, como a produção de um documentário pode ajudar na divulgação do jiu-jitsu no Amapá?

## **3 JUSTIFICATIVA**

A produção de um documento audiovisual que mostre a consolidação dessa arte marcial no Amapá é necessária - pois apresentar os acontecimentos desde a implantação, época que só existia apenas uma equipe, até o momento atual, o qual existe 24 equipes presentes no Estado - será de extrema importância para que a memória de nomes que foram fundamentais na conquista do espaço que o jiu-jitsu tem hoje não seja esquecida.

O jornalismo tem sua construção a partir de fatos que viram histórias, posteriormente são repassadas a determinados grupos. No caso, esta produção audiovisual servirá não

somente para apresentar a atual geração como também às futuras, que terão um referencial consolidado sobre a história do esporte. De acordo com José Marques de Melo (apud TÓFOLI, 2008, p. 23):

Jornalismo é concebido como um processo social que se articula a partir da relação (periódica/oportuna) entre organizações formais (editoras/emissoras) e coletividades (públicos receptores), através de canais de difusão (jornal/revista/rádio/televisão/cinema) que asseguram a transmissão de informações (atuais) em função de interesses e expectativas (universos culturais ou ideológicos) [...].

O livro “A memória coletiva” de Maurice Halbwachs no capítulo II que fala da memória coletiva e memória histórica, faz o levantamento da necessidade de ter conhecimento das experiências de determinados grupos ou de indivíduos para podermos nos situar no ambiente em que vivemos e na obtenção de conhecimentos.

Durante o curso de minha vida, o grupo nacional de que eu faço parte foi teatro de certo número de acontecimentos a respeito dos quais digo que me lembro, mas que só conheci através de jornais ou pelo testemunho dos que nele estiveram envolvidos diretamente. Esses fatos ocupam um lugar na memória da nação – mas eu mesmo não os assisti. Quando os evoco, sou obrigado a me remeter inteiramente a memória dos outros, e esta não entra aqui para completar ou reforçar a minha, mas é a única fonte do que posso repetir sobre a questão. Muitas vezes não conheço tais fatos melhor ou de modo diferente do que acontecimentos antigos, ocorridos antes de meu nascimento (Halbwachs, 2003, p. 72).

O jornalismo tem essa capacidade de fazer com que as pessoas obtenham memórias passadas, por meio das produções desenvolvidas pelos jornalistas, os quais trabalham no levantamento de dados, na elaboração de entrevistas, para oferecer ao receptor um produto de qualidade. As informações obtidas por meio da atividade jornalística são captadas de forma precisa, no qual somente as informações principais serão repassadas.

O documentarista João Moreira Salles relatou em entrevista ao canal do *YouTube* “ITS Rio”, em 09 de outubro de 2017, a respeito da necessidade dos produtores de documentários captarem somente o necessário para que a edição final do filme transmita uma mensagem que tenha significado. “Quando tudo pode ser armazenado nada merece o investimento que uma memória que pode se apagar, que pode desaparecer, essa exige cuidado, exige proteção, exige que você a cultive para que ela não se vá, para que não desapareça”.

Em entrevista ao “Canal Brasil”, publicada em 12 de maio de 2015 no *YouTube*, Eduardo Coutinho fala da construção da memória presente no documentário. Essa edificação

é feita por meio dos entrevistados que transmitem suas experiências de vida ao documentarista.

Como eu lido com a memória... Eu trabalho com pessoas, em todos os filmes que fiz praticamente, em que as pessoas, isso se são mais velhas então é absolutamente fatal, lidam não com o presente da conversa, que as pessoas chamam de entrevista, pouco com os projetos de vida, e imensamente com a memória. A memória é um torço que você constrói, você fala da infância, das perdas e etc. Seja um ex-metalúrgico, seja um velho da Paraíba, qualquer filme que eu tenha feito. É fascinante num sentido que toda memória é inventada, isto é, não por que é mentirosa, é porque é uma memória que poderia ser diferente três dias depois com outra pessoa. Então depende duma interação, do momento que as pessoas dizem coisas e que se eu acredito são verdadeiras, mas que não tem como checar na medida que falam de sentimentos... Então eu acho que as pessoas simplesmente contam as coisas, não só memórias, para dar sentido a suas vidas. Tem filósofos e sociólogos que dizem sobre isso, que a pessoa tem que ser justificada, ser legitimada... e você tem que dar a chance de que eles se legitimem.

Por atender a demanda desse público, a construção do documentário se torna relevante para comunicação. Esse motivo se torna evidente pelo fato do jornalismo ser um instrumento que eterniza fatos históricos. Este documentario pretende fazer o registro histórico, pois será o primeiro registro audiovisual falando da modalidade de luta no Amapá.

A produção do documentário sobre o jiu-jitsu no estado Amapá será relevante ao setor acadêmico, para os praticantes e admiradores do esporte pelo motivo de estar sendo realizada a construção de conhecimento de um tema que ainda não se tem registros aprofundados.

O vídeo e o filme documentário estimulam a epistefilia (o desejo de saber) no público. Transmitem uma lógica informativa, uma retórica persuasiva, uma poética comovente, que prometem informação e conhecimento, descobertas e consciência. O documentário propõe a seu público que a satisfação desse desejo de saber seja uma ocupação comum [...]. (NICHOLS, 2001, p. 70).

Os grandes veículos de produção jornalística, como as obras literárias sobre o esporte brasileiro, tratam muito de um segmento, que é bastante conhecido e praticado pelos brasileiros, que é o futebol. Esquecem-se da existência de outros esportes, que também possuem uma quantidade expressiva de praticantes, os quais no território nacional não são valorizados pelos veículos de comunicação com o maior capital.

O problema é que o mercado só permite a criação de jornalistas de futebol, de automobilismo, por vezes de tênis. O que vele dizer que não há jornalistas de basquete, de vôlei, de atletismo, de judô etc. Isso explica o aparecimento de atletas como comentarista sempre que é preciso aprofundar-se em grande competição. O mercado não contempla quem quer aventurar-se nessas áreas

específicas. Esse aventureiro poderá ter muito sucesso. Mas vai ter de brigar muito mais por isso” (COELHO, 2003, p. 38).

O jornalista Celso Unzelte em seu livro organizado por Magaly Prado, “Jornalismo esportivo: relatos de uma paixão”, de 2009. Explica sobre a função dos comentaristas, que não podem declarar informações superficiais para quem está procurando informação sobre qualquer modalidade esportiva. Segundo o autor, o comentarista, não pode proliferar achismos, tem que estudar o tema para se basear em informações verídicas. Não se pode fugir do trabalho de apuração, pois comentar assuntos de relevância para público está dentro da prática jornalística.

[...] E quem disse que o comentarista, além de comentar, também não tem de cultivar fontes, buscar e checar informações para embasar melhor seus comentários? Se em todas as outras áreas do jornalismo o verbo “achar” é proibido, por que no esporte o “achismo” pode correr solto? Porque se trata de um assunto em que todo mundo se sente autorizado a dar pitacos, a manifestar sua opinião. Só que a primeira função do jornalista não é opinar, mas informar [...] (UNZELTE, 2009, p. 8).

Gerar o desejo de buscar conhecimento não é apenas uma atribuição do documentário. O jornalismo também promove o despertar dessa busca nos leitores, ouvintes, telespectadores e internautas, os quais estão sempre procurando respostas sobre os assuntos de seus interesses. Não importa o meio ou plataforma, a informação deve ser veiculada para suprir a demanda do público-alvo. Portanto, espera-se que as notícias produzidas estejam nos padrões éticos e morais e dentro do anseio dos mais diversos públicos de interesse.

No caso de assuntos relacionados ao ambiente esportivo, a maioria das produções audiovisuais são voltadas para o futebol. Não poderia ser diferente, pois é um esporte de grandes competições espalhadas pelo globo terrestre, as quais são registradas e eternizadas para serem passadas adiante.

Apesar do jiu-jitsu não ter a visibilidade ou o número de admiradores que o futebol possui, também deve ter produções que visam a divulgação do esporte, bem como produzir conteúdo de memória sobre a modalidade. Este projeto audiovisual pretende construir esse sentido, uma vez que o jornalismo esportivo e a sociedade necessitam de mais informações sobre os esportes de luta. Mostrar que essa área tem um campo muito maior do que se encontra no imaginário popular é também um dos focos deste trabalho.

#### **4 OBJETIVOS**

#### 4.1 Objetivo Geral

- Produzir um documentário audiovisual sobre o jiu-jitsu no estado do Amapá.

#### 4.2 Objetivos Específicos

- Gerar memória audiovisual sobre o jiu-jitsu brasileiro no estado do Amapá.
- Mostrar através do vídeo documentário a implantação do esporte no Estado através dos relatos dos faixas pretas;
- Documentar as dificuldades na implantação do esporte e da aceitação na comunidade amapaense;
- Apresentar o real espaço que as mulheres conquistaram no esporte;
- Documentar as mudanças ao longo dos vinte e dois anos e o que se espera para o futuro do esporte no Amapá.

### 5 REFERENCIAL TEÓRICO

O jiu-jitsu é uma arte marcial que não tem um local de origem confirmado. Acredita-se que foi criado pelos monges budistas, na Índia há 2.500 anos e posteriormente aperfeiçoada pelos japoneses, há 400 anos (GRACIE, H.; GRACIE, R., 2010).

No Brasil, o estilo de luta que ensina a utilização da força dos oponentes para neutralizá-los, foi trazido pelo Mistuyo Maeda no começo do século XX. O lutador chegou em Belém à procura do comércio de castanha do Pará, e para ter influência na região passou a dar aula de jiu-jitsu aos filhos de um comerciante descendente de escoceses influentes na época, Gastão Gracie (GRACIE, H.; GRACIE, R., 2010).

O esporte passou a ser propagado pela família de lutadores, desafiando mestres de outras artes marciais para demonstrar a eficiência da luta de solo. O lutador mais famoso dentre eles foi o mestre Hélio Gracie. Ele revolucionou o estilo de luta, pois criou golpes de alavancas, que dão aos praticantes de estrutura física frágil a capacidade de imobilizar pessoas mais fortes.

Os confrontos promovidos pela família Gracie fizeram com que o esporte fosse reconhecido pelos brasileiros. Devido ao sucesso conquistado, o jiu-jitsu começou a migrar, expandindo para as cidades brasileiras e pelo mundo.

O livro “Gracie Jiu-Jitsu” fala sobre os primeiros passos que levaram a família de imigrantes escoceses a se aproximar do esporte de origem asiática. George Gracie, primeiro membro da família a chegar no Brasil em 1801, veio “[...] em busca de aventura e

oportunidade. Não tinha a menor idéia de que seus descendente um dia formariam a maior dinastia de lutadores de todos os tempos” (GRACIE, H.; GRACIE, R, 2010, p.14-15).

Para perpetuar o nome da família de lutadores nacionalmente e mundialmente, o documentário audiovisual “Gracie Jiu-Jitsu em Ação” foi produzido em 1988, pelo primogênito de Hélio Gracie, Rorion Gracie. O documentário apresenta as lutas promovidas pela família de lutadores para disseminar a eficácia do estilo de luta na época que Hélio, seus irmãos e alunos lutavam. Com o passar do tempo, devido a idade avançada essa tradição passou a ser praticada pela nova geração da família e assim sucessivamente.

No ano de 1993 o objetivo foi alcançado, o jiu-jitsu brasileiro passou a ser conhecido globalmente por meio da criação do maior evento de artes marciais o *Ultimate Fighting Championship* (UFC). Rorion Gracie, que nessa época dava aula na garagem de sua casa nos Estados Unidos, juntamente com um aluno pensaram numa forma para atrair o grande público, criaram o evento naquele ano que trazia uma jaula onde os competidores não poderiam fugir do combate, esta área de luta é denominada de octógono. Em entrevista ao *talk show* “The Noite” em 2015, Rorion falou sobre o processo da criação do evento.

Quando eu tava dando aula na minha garagem era muito comum que os alunos dissessem: ‘Rorion, meu professor de *kung fu*, *karatê* ou de *taekwondo*, eles não acreditam no jiu-jitsu. Eles querem desafiar você para uma briga, você topa?’ Eu dizia: ‘é claro, traz o cara aqui’. Então o pessoal vinha na garagem para brigar comigo. Mais uma vez, como jiu-jitsu me dava elementos de controlar o adversário sem ter que machucar ninguém, eu abraçava o cara botava ele no chão e dominava de um jeito que daqui a pouco não conseguia fazer nada. Aconteceram tantas vezes esses tipos de disputas com outros tipos de artes marciais, que um dia me deu um estalo, eu falei: ‘realmente, eu não posso querer mostrar a eficiência do jiu-jitsu para o mundo inteiro fazendo uma luta de cada vez na minha garagem’. Aí me deu a ideia de criar um evento, o UFC, no que você fosse para televisão e o negócio pudesse ser visto por todo mundo, da maneira mais rápida, mais inteligente e mais objetiva... Então o jiu-jitsu provou ser o mais eficiente porque o Royce Ganhou de todo mundo.

O irmão de Rorion, Royce Gracie, levantou a bandeira do jiu-jitsu no evento, que na época apresentou um esporte novo o qual foi denominado de vale tudo e posteriormente, anos mais tarde, com a expansão e mudança de regras para proteger a integridade física dos atletas a modalidade teve o nome mudado para *Mixed Martial Arts* (MMA). O representante do jiu-jitsu ganhou os torneios do UFC 1 no dia 12 de novembro de 1993, venceu no dia 11 de março de 1994 o UFC 2 e conquistou a vitória no UFC 4, no mês de dezembro, 16, do ano de 1994. Ele foi escolhido por ter uma estrutura física com baixa densidade muscular, ou seja, possuía um biótipo franzino. Foi uma estratégia do Rorion, filho mais velho de Hélio, de

mostrar a eficiência do estilo de luta para os leigos nos esportes de combate. Royce falou do motivo de ter sido escolhido para lutar durante entrevista cedida ao canal do *YouTube* “Portal do Vale Tudo”, em 2015.

Tinha irmão que era mais leve e iria fazer o mesmo serviço, mas talvez fosse demorar um pouco mais, o irmão mais pesado que não iria ser tão impressionante ou primos mais pesados, mais leves que não seria tão impressionante contra os adversários. Tinha primo que era mais agressivo, que iria chegar lá e arrebentar os caras e iria ganhar rápido também, mas não iria ser tão impressionante como a qualidade e característica que meu pai gostava. Vou ganhar dos caras usando técnica, sem ter que arrebentar a cara de ninguém, vai ser limpo.

Outra vertente do esporte que passou a ganhar notoriedade foi a linhagem Fadda. Ela foi criada por um fuzileiro naval, o qual conheceu a arte marcial na mesma época da família Gracie no Pará. Oswaldo Baptista Fadda foi o primeiro não Gracie a praticar o Jiu-jitsu. Os caminhos seguidos pelo mestre eram diferentes apenas na forma de condução da modalidade, mas na sua essência era a mesma, pois ensinava o estilo de luta para pessoas com poder aquisitivo baixo, as quais não tinham condições de pagar pelas aulas, e para quem possuía limitações físicas, dando início aos primeiros projetos sociais.

Mestre Fadda confessava aos alunos mais próximos que a história do Jiu-Jitsu brasileiro estava sendo contada pela ótica dos detentores do capital. Sua condição de suburbano, não lhe favorecia nas decisões tomadas na grande cúpula administrativa. É possível afirmar que a cidade do Rio de Janeiro possui quase a metade dos seus praticantes de Jiu-Jitsu com alguma ligação “genealógica” com Mestre Fadda. O legado de Fadda está além do próprio Jiu-Jitsu. Quando, em um tempo não muito distante, a regra da exclusão social nos esportes era uma praxe, Fadda ensinava o Jiu-Jitsu de Maeda para portadores de necessidades especiais, algo incomum até hoje. (JUNIOR et al. 2016, p. 06).

No Amapá, o jiu-jitsu chegou no ano de 1996 com a criação do primeiro espaço de treino pelo mestre, Kleber Iglesias, que na época era faixa roxa. A expansão do esporte para todo o Estado aconteceu no ano de 2001 com a chegada da equipe Frankiko Team, originária de Belém, capital do Pará.

Segundo os entrevistados, sua prática teve início no final do ano de 1996 e começo de 1997, com o faixa roxa Kleber Iglesias, amapaense, que ao residir em Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, aprendeu o Jiu-Jitsu com o mestre Alexandre Bosco da academia Kioto-RN. No retorno de sua família a Macapá, Kleber convidou seus colegas mais próximos para ensinar o Jiu-Jitsu, modalidade que não era praticada em Macapá (JUNIOR et al. 2016, p. 07).

Com relação à produção de documentários, Bill Nichols (2001) acredita que este gênero não pode ser definido num pequeno texto, pois sua complexidade está ligada com a proximidade nas produções cinematográficas ficcionais. Por esse motivo, não se deve atribuir ao gênero documentário a função de apenas reproduzir realidade.

Teríamos simplesmente a réplica ou cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão de mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares. (NICHOLS, 2001, p. 47).

No artigo ‘Fronteiras (in) definidas: aproximações e divergências entre documentário e jornalismo’ é realizada uma comparação sobre esses dois formatos para saber o nível de proximidade entre eles. É explanado o produto notícia, que trabalha com informações factuais que abrange as informações principais para ser transmitido de forma precisa e dinâmica. O documentário tem por objetivo trabalhar todos os desdobramentos sobre o fato noticioso para trazer um sentido novo.

Em outras palavras, o desejo é justamente saber aquilo que os “valores-notícia” não consideraram relevante para ser veiculado. São informações que ficam à margem, mas que têm um papel decisivo para o enriquecimento da história a ser contada pelo documentário. (SOUZA, 2009, p. 164).

Nichols (2001, p.135) apresenta seis tipos de subgêneros no ramo do documentário: “poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático”. Esses elementos por vezes são mesclados, sendo de escolha do documentarista a forma que pretende apresentar sua obra ao público. Nesta produção foram utilizados os modelos expositivos e participativos.

Nas produções televisivas o recomendado pelos veículos de comunicação são perguntas objetivas, porque as “respostas curtas facilitam o trabalho da edição de reportagens” (BARBEIRO; LIMA, 2002, p.67). Utilizando-se dessa técnica a informação é repassada ao público com dinamicidade. Essa forma de trabalho limita-se somente para o factual, deixando de lado enfoques que só podem ser trabalhados nas grandes produções.

Para a obtenção das informações deixadas de lado numa produção *hard news*, Cremilda de Araújo Medina (1986), em seu livro “Entrevista - O Diálogo Possível”, aborda técnicas de entrevistas utilizadas pelos profissionais da psicologia social. O método mais utilizado é o não-diretivo, o qual tem a finalidade de extrair mais informações do entrevistado que fica livre para responder as perguntas no seu tempo, sem ser bombardeado por perguntas que acabam tirando a atenção e conseqüentemente a entrevista pode não ser aproveitada se o método pesquisado pela autora não for utilizado para obter um conteúdo aprofundado.

Eis algumas das possibilidades de enriquecimento informativo na entrevista aberta, sem a camisa-de-força do questionário fechado: o centro do diálogo se desloca para o entrevistado; ocorre liberação e desbloqueamento na situação inter-humana e esta relação tem condições de fluir; atinge-se a auto-elucidação. (MEDINA, 1986, p.11).

Eliane Brum, em seu livro ‘A vida de quem ninguém vê’, fala sobre histórias de personagens brasileiros comuns, os quais têm seus relatos transformados pela autora em grandes reportagens. Esse trabalho só pode ser realizado através do relacionamento que o repórter deve construir com a fonte durante a entrevista. Deixando o entrevistado (a) a vontade é possível adquirir conhecimento sobre o assunto desejado com maior facilidade.

É preciso calar para ser capaz de escutar o silêncio. Olhar significa sentir o cheiro, tocar as diferentes texturas, perceber os gestos, as hesitações, os detalhes, apreender as outras expressões do que somos. Metade (talvez menos) de uma reportagem é o dito, a outra metade o percebido. Olhar é um ato de silêncio. (BRUM, 2012, p.191).

Dando oportunidade a fonte de falar, é possível transmitir ao público o conteúdo do tema que está sendo explanado no documentário. Eduardo Coutinho acredita que para ser passado da melhor forma as informações é necessário a utilização de planos longos sem cortes. Utilizando-se dessa técnica, o real é alcançado. O documentarista faz uma crítica aos veículos de comunicação que estão cada vez diminuindo os tempos das sonoras, ele fala em entrevista ao livro realizado em homenagem ao seu trabalho “O Documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo”, o qual foi escrito por Consuelo Lins, o documentarista diz:

O que é estética?... É também uma forma de dizer, que é política. Este é o problema... Se você fica só no conteúdo... Pode haver na televisão um programa feito até pela CUT... Sem contar que o repórter, como herói, pode aparecer, mas o repórter-diretor não pode aparecer, não pode revelar os segredos. É insuportável, inaceitável, tudo o que revela que o que estamos vendo é uma filmagem. Deve haver esse padrão de naturalismo. Um plano de dois minutos não pode. Ninguém fala mais de 30 segundos. E está cada vez pior: hoje não há plano nem de oito segundos. Um plano fixo de oito segundos é inconcebível, não só para o jornal Nacional. Estou falando de reportagens maiores (LINS, 2004, p. 21).

Ainda na obra de Consuelo Lins que fala dos trabalhos realizados pelo documentarista Eduardo Coutinho, a autora faz uma análise do documentário “Theodorico, Imperador do Sertão” de 1978. Ela efetua o levantamento da estratégia de entrevista do documentarista, que preza pelo bom diálogo com o entrevistado o qual revela como segue sua vida no sertão. Conta das suas estratégias políticas, bem como a maneira que administra sua fazenda.

[...] O contato entre o diretor e o major é sempre cordial. Coutinho jamais o coloca “contra a parede”, como modo de enfatizar para o espectador que o que está sendo dito é um despautério e que Theodorico é o diabo do sertão. O que interessa ao cineasta não é definir o personagem à revelia dele, nem tratá-lo como um fenômeno da realidade, dotado de rígidos traços típicos-sociais. O que interessa é a visão de mundo do personagem, o ponto de vista específico que ele tem sobre o mundo e sobre si mesmo. É o próprio major que, nos diálogos com Coutinho, com os seus empregados e amigos, revela e fundamenta sua razão de ser, sem que o filme precise expressar simpatia ou antipatia, acordo ou desacordo, nem fazer avaliações conclusivas sobre o que está sendo dito (LINS, 2004, p. 24).

A preocupação do cineasta falecido, em 2014, com relação ao tempo de aparecimento das falas dos entrevistados não é único empecilho presente nos veículos de comunicação. Há o processo de edição que as produções passam até serem veiculadas, durante a linha de montagem, a cada etapa são verificadas as informações existentes no conteúdo, caso possua algum aspecto que não esteja alinhado de acordo com as políticas da empresa de comunicação que o jornalista trabalha, a informação é suprimida. Essa caminhada de “lapidação” da reportagem é chamada de teoria do *gatekeeper*.

Nesta teoria, o processo de produção da informação é conhecido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos *gates*, isto é, “portões” que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é o *gatekeeper*, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não. Se a decisão for positiva, a notícia acaba por passar pelo “portão”; se não for, a sua progressão é impedida, o que na prática significa a sua “morte” porque significa que a notícia não será publicada, pelo menos nesse órgão de informação (TRAQUINA, 2012, p. 152).

Eternizar acontecimentos pela descrição dos desdobramentos de determinados assuntos é o trabalho do jornalista. Este profissional deve utilizar-se de todas as ferramentas para propagar as informações construídas através de pesquisas, muitas vezes possuem conteúdos complexos e cabe ao jornalista traduzi-los e organizá-los de forma coerente e plausível, visando proporcionar ao público uma narrativa atraente, ou seja, quem estar inserido nessa profissão deve ter o conhecimento de que é necessário saber contar histórias.

Poder-se-ia dizer que o jornalismo é um conjunto de “estórias”, “estórias” da vida, “estórias” das estrelas, “estórias” de triunfo e tragédia. Será apenas coincidência que os membros da comunidade jornalística se referiram às notícias, a sua principal preocupação, como “estórias”? Os jornalistas veem os acontecimentos como “estórias” e as notícias são construídas como “estórias”, como narrativas, que não estão isoladas de “estórias” e narrativas passadas [...]. Poder-se-ia dizer que os jornalistas são os modernos contadores de “estórias” da sociedade contemporânea, parte de uma tradição mais longa de contar “estórias” (TRAQUINA, 2012, p. 21).

É abordado no livro “Manual do jornalismo esportivo” sobre as entrevistas superficiais realizadas no ambiente esportivo, as quais em sua grande maioria são efetuadas para cumprir tabela. Os atletas e os treinadores são entrevistados em competições ou em coletivas de imprensa. Segundo Barbeiro e Rangel (2006), não há um desafio nas questões abordadas pelos jornalistas esportivos, por estarem dependentes do que é óbvio, ou seja, não se preocupam em extrair informações aprofundadas pela elaboração de perguntas que sejam capazes de promover esta ação.

A maioria das entrevistas na área esportiva, porém, é totalmente viciada. As perguntas são previsíveis, as respostas mais ainda. Muitas vezes, a pergunta do jornalista já dá a resposta ao entrevistado que, assim, nem precisa se dar ao trabalho de pensar para responder (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 36).

Unzelte (2009) fala da necessidade do jornalista esportivo conhecer do assunto explanado, para que o entrevistado passe mais informações por perceber que o entrevistador sabe o que está falando, que fez o levantamento de dados antes de efetuar suas perguntas. Deve-se fugir do óbvio, caso o contrário o entrevistado perceberá o despreparo e conseqüentemente não será produtiva a entrevista.

Uma vez diante do entrevistado, o nível de intimidade com o tema pode fazer toda a diferença, não só quando ao clima que permeará a entrevista, mas também em relação à qualidade final do trabalho. Esportistas costumam colaborar quando percebem que o jornalista “entende do assunto”, sabe do que está falando. Em contrapartida, execram quem faz perguntas que consideram óbvias ou pede explicações demais sobre determinados termos ou expressões que, na opinião deles, o jornalista já deveria conhecer de antemão. Por isso, mesmo que você entenda do assunto, prepare-se muito bem antes de ir a campo. Ser não entender, prepare-se ainda mais (UNZELTE, 2009, p. 10).

A elaboração de perguntas para que o entrevistado pense antes de responder, são essenciais para extrair da fonte informações relevantes. Atribuindo esse elemento aos planos longos que Coutinho acredita que devem estar presentes nos documentários, a emoção presente no jornalismo esportivo será transmitida ao público com exatidão. Embora seja importante o trabalho da emoção no jornalismo esportivo, é aconselhável não exagerar, por que “[...] O perigo fica para a espetacularização de imagens e eventos. E o que é pior, quando a alta dose de emoção transforma ídolos em mitos e atletas em semideuses”. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.46).

Para não deixar a paixão falar mais alto que o dever do jornalismo, que tem a função de buscar informações verídicas, mesmo que sejam de encontro ao que o jornalista acredita, é preciso fazer o máximo de esforço para que as emoções não sejam mais forte. No ambiente

esportivo os sentimentos acabam ficando no primeiro plano, quando a razão que deveria predominar.

## 6 METODOLOGIA

Para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na modalidade projeto experimental, o objeto de estudo escolhido foi o jiu-jitsu no estado do Amapá. A modalidade de projeto experimental consiste na elaboração de um produto, no caso, a criação do documentário audiovisual. Nessa modalidade de pesquisa, os resultados adquiridos durante a coleta dos dados irão funcionar da seguinte forma:

O princípio central da aplicação do método experimental é que devemos aceitar os resultados como eles se apresentam, com tudo de imprevisto e de acidental que, porventura, haja neles e, diante dos resultados, é necessário esquecer as próprias opiniões e as opiniões alheias. Nele, os agentes são examinados nas relações que mantêm uns com os outros e devem ser dimensionados. (FACHIN, 2005, p. 43).

A pesquisa experimental proporciona captação de resultados que serão fundamentais para solucionar dúvidas relacionadas a determinado assunto. Para responder as perguntas em torno sobre o tema que se tem dúvida, é necessário que o pesquisador vá a campo para conseguir coletar dados, os quais serão fundamentais para a pesquisa.

[...] Contudo, na maioria das vezes, o método experimental tem sido usado como base do progresso do conhecimento nas áreas científicas, pois ele é a coleta dos dados, de forma a conduzir respostas claras e diferenciadas em função de uma hipótese que envolve relações de causa e efeito. (FACHIN, 2005, p. 45).

As informações apuradas para a realização deste trabalho de pesquisa foram adquiridas através do método exploratório. A utilização desta técnica de pesquisa foi fundamental para serem adquiridas as entrevistas e os documentos que foram fundamentais na construção deste documentário audiovisual. Ao utilizar esse meio de pesquisa, o pesquisador terá menos dificuldades em levantar dados. Segundo Selltiz et al. (apud GIL, 2002, p.41):

[...] Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de instituições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que “estimulem a compreensão”.

Por possuir essa característica flexível de desenvolvimento de uma pesquisa, o objeto estudado acaba passando por caminhos instáveis até ser alcançado o objetivo final. Essa imprevisibilidade presente no método de pesquisa experimental é o fator determinante para ser alcançado novas descobertas. Gil (2008) fala da importância da metodologia para o desenvolvimento da pesquisa.

O método experimental consiste essencialmente em submeter os objetos de estudo à influência de certas variáveis, em condições controladas e conhecidas pelo investigador, para observar os resultados que a variável produz no objeto. Não constitui exagero afirmar que boa parte dos conhecimentos obtidos nos últimos três séculos deve ao emprego do método experimental, que pode ser considerado como o método por excelência das ciências naturais. (GIL, 2008, p.16).

Para a construção deste documentário audiovisual também foi utilizado o método qualitativo de entrevista ‘não-diretiva’, criado pelo psicólogo Carl Rogers, sendo mencionado no livro ‘Introdução À Metodologia Científica’. Para a obtenção de informações de qualidade é fundamental que seja seguido três fatores que são descritos por Oliveira. “O entrevistador deve se manter apenas escutando, anotando e interagindo com breves perguntas” (2011, p.32). Conseqüentemente o entrevistado ficará mais a vontade de expressar suas opiniões relacionadas ao assunto abordado.

Outro método que será utilizado nesta produção é o de ‘entrevista aberta’. Ele tem a característica, assim como a ‘não-diretiva’, de deixar o entrevistado livre para explanar suas ideias. Nesse tipo de entrevista, o pesquisador deve ter a capacidade de interagir com o entrevistado para não fugir da linha de raciocínio pretendida.

É essencialmente exploratória e flexível, não havendo sequência predeterminada de questões ou parâmetros de respostas. Tem como ponto de partida um tema ou questão ampla e flui livremente, sendo aprofundada em determinado rumo de acordo com aspectos significativos identificados pelo entrevistador enquanto o entrevistado define a resposta segundo seus próprios termos, utilizando como referência seu conhecimento, percepção, linguagem, realidade, experiência (DUARTE; BARROS, 2009, p. 65).

Deixar o entrevistado tranquilo a fim de conquistar as informações desejadas para a elaboração da pesquisa, também está presente na entrevista informal. Como o próprio nome diz, o pesquisador irá fazer o seu trabalho a partir de conversas, visando coletar dados, com os entrevistados.

A entrevista informal é recomendada nos estudos exploratórios, que visam abordar realidade pouco conhecidas pelo pesquisador, ou então oferecer

visão aproximativa do problema pesquisado. Nos estudos desse tipo, com frequência, recorre-se a entrevistas informais com informantes-chaves, que podem ser especialistas no tema em estudo, líderes formais ou informais, personalidades destacadas etc. (GIL, 2008, p. 111).

Com a coleta inicial das informações, foi colocado em prática outro método para obter informações mais aprofundadas. Não poderiam ser obtidas sem a utilização da entrevista por pauta, segundo Gil, o método deve ter perguntas relacionadas ao assunto em análise para que não se perca o foco do tema que está sendo falado.

A entrevista por pautas apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. As pautas devem ser ordenadas e guardar certa relação entre si. O entrevistador faz poucas perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente à medida que refere às pautas assinaladas. Quando este se afasta delas, o entrevistador intervém, embora de maneira suficientemente sutil, para preservar a espontaneidade do processo. (GIL, 2008, p.112).

Também usamos em nossa pesquisa o procedimento histórico, este que é voltado para a apuração das informações sobre o assunto pesquisado, o qual é fundamental para que seja realizada a reconstituição de acontecimentos históricos para ter o entendimento da atual situação de determinado tema. O livro “Metodologia Científica” esclarece sobre o método de procedimento histórico:

Assim, o método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual por meio de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época. (LAKATOS; MARCONI, 2004, p. 91).

Os faixas pretas de jiu-jitsu que acompanharam a evolução do esporte no Amapá são personagens essenciais. Pois, através dos relatos coletados desses personagens, foi construído este trabalho sobre a modalidade esportiva. Dentre as informações apuradas sobre os primeiros professores a disseminar o conhecimento da arte marcial, estão inclusos os primeiros centros de treinamentos, a expansão, a atual situação e as expectativas futuras para a luta agarrada.

As entrevistas foram realizadas nos centros de treinamento e nos campeonatos para ilustrar o ambiente de luta. Durante as entrevistas, imagens de arquivos pessoais dos entrevistados (fotos das equipes, dos mestres, das competições e vídeos de lutas nos campeonatos) foram utilizadas. A seleção dessas imagens visa expor o material de maior relevância para a comunidade amante do esporte, bem como aos admiradores e para as pessoas que não tem conhecimento sobre a arte marcial.

As competições realizadas no ano de 2018 foram acompanhadas para a coleta de imagens. As imagens coletadas serão utilizadas com o intuito de mostrar a evolução em relação às primeiras competições.

Para saber sobre a organização dos eventos competitivos, os presidentes da Federação de Jiu-Jitsu do Estado do Amapá (FAJJ) e da Federação Amapaense de Jiu-Jitsu (FJJA) foram ouvidos para entender o processo e a relação entre as entidades na promoção do esporte.

Os materiais utilizados para a elaboração desta produção foi um câmera filmadora, telefones para também captar imagens de apoio, microfone bom, tripé e iluminação (a maioria das entrevistas foram efetuadas durante o dia para melhor captação da filmagem). Esses materiais proporcionaram melhor captação de áudio e imagens que foram filmadas nos planos médios e close (durante as entrevistas dos personagens), nos planos central, geral e close, movimentos de câmera panorâmico, *traviling* e *tilt* (filmagens nas competições).

Os personagens entrevistados para a construção deste documentário foram selecionados de acordo com a relevância que os mesmos têm para este esporte. A relação de proximidade, a qual está relacionada com as atividades exercidas para propagar o esporte, como a participação nas Federações existentes no Estado que trabalham na realização de eventos esportivos; o tempo de envolvimento das fontes com o jiu-jitsu, neste aspecto foi analisado se o entrevistado iniciou a sua jornada no período em que o esporte foi implantado no Amapá, ou numa data aproximada, ou se está à frente de algum cargo de importância, que é o caso de Tayanne Santos, ela é a primeira mulher a torna-se árbitra de luta da categoria no Estado. Todos esses requisitos foram avaliados para a escolha das informações de maior importância presentes no documentário áudio visual.

Outros critérios foram pesquisados para esta produção, como os de noticiabilidade, os quais servem para identificar se determinado assunto pode estar apto a ser divulgado para a população.

Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo “valor-notícia” (“*newsworthiness*”) (TRAQUINA, 2013, p. 61).

Traquina (2013) apresenta doze itens a respeito da determinação de um fato como notícia. As classificações que Traquina menciona faz parte do estudo de Galtung e Ruge (1965/1993). O produto idealizado, sobre a construção do jiu-jitsu no Amapá, enquadra-se

nos elementos que dizem se o fato tem valor-notícia. Mas vale ressaltar o quinto dentre os listados pelo teórico, este fala da consonância.

Outro valor-notícia identificado por Galtung e Ruge é a consonância. Para os autores, este fator liga o acontecimento que está selecionado com uma pré-imagem mental em que o “no-vo” acontecimento é construído em função de uma “velha” imagem, ou, melhor dito, de uma “velha” narrativa que já existe [...] (TRAQUINA, 2013, p.68).

No que está relacionado aos acontecimentos antigos que envolvem o jiu-jitsu, são as reportagens televisivas, escritas, radiofônicas e documentários nos quais falam da história do esporte na perspectiva da família Gracie. A elaboração de produtos audiovisual sobre o jiu-jitsu no estado do Amapá é uma narrativa construída a partir da história do passado, sem ela novos personagens não existiriam, não seria possível elaborar este documento.

Cada entrevista foi estipulada para ter duração de 20 a 30 minutos, tempo suficiente para extrair as informações necessárias dos entrevistados, os quais mostraram interesse em disponibilizar os seus conhecimentos. Os personagens colocaram-se a disposição quando foram contatados para prestarem os depoimentos, que foi fundamental para a construção do produto final.

Dentre os personagens que foram entrevistados estão o presidente da Federação de Jiu-Jitsu do Estado do Amapá (FEJJA), e faixa preta, Victor Santos (Cachorrão); o presidente da Federação Amapaense de Jiu-Jitsu (FAJJ) faixa preta e líder da equipe Team 1, Tadeu Beltrão; o faixa preta e fundador da academia Urso Team, Fran Façanha (Urso), a sua mãe, Renilde Margarida dos Santos Façanha, que foi entrevistada por não apoiar o seu filho no início de sua jornada no jiu-jitsu; Orlando Júnior, faixa preta e líder da equipe que leva o seu nome; a faixa marrom, Tayanne Santos, primeira árbitra feminina do esporte no Estado.

## **7 DESCRIÇÃO DO PRODUTO**

Como não há um expressivo de produções jornalísticas voltadas ao jiu-jitsu, e sim, a sua grande maioria destinada ao futebol, surgiu a ideia de produzir o documentário audiovisual “Terra de Guerreiros: a história do jiu-jitsu amapaense” no final do ano de 2017. Esta produção veio para suprir a carência de produções acadêmicas direcionadas aos outros esportes que tem um grande número de praticantes e público que acompanha as notícias relacionadas as demais modalidades que não obtém destaque pela grande mídia, apenas tendo relevância nos veículos especializados.

A coleta de dados e imagens de apoio iniciou no dia 24 de junho de 2018. No mesmo ano, quatro entrevistas, das seis, foram efetuadas para produção deste trabalho, nos dias 04 de outubro, 19 de setembro, 09 de outubro e 16 de novembro; no ano de 2019 duas foram realizadas, no dia 04 de janeiro e a última em 23 de agosto de 2019.

A abertura foi elaborada para introduzir a quem está acompanhando o documentário a entender que esta produção trata de um esporte de combate. Para isso os elementos envolvendo os movimentos aplicados no jiu-jitsu foram apresentados. Durante as transições entre os intertítulos, as imagens relacionadas aos assuntos que irão ser tratados também estão inclusos.

Os entrevistados são os personagens principais, pois por meio das suas declarações o documentário foi editado em uma linha cronológica, na qual consta os primórdios da implantação do esporte no Amapá até as perspectivas que os faixas pretas que participaram da elaboração deste produto têm.

Poucas vezes houve a intervenção dos produtores neste trabalho, com a exceção de perguntas que foram legendadas. Para não se perder o raciocínio das questões levantadas, foi necessário haver essas pequenas participações.

A cor escolhida para os caracteres foi a branca, para não tirar o destaque das imagens captadas e do conteúdo explanada ao longo do documentário.

Para dar dinamicidade a edição do documentário para suprir a falta de algumas imagens, foi utilizado o recurso de movimentação disponibilizado pelo programa de edição quando há somente a aparição do entrevistado. Sempre que possível imagens captadas ao longo desta produção, bem como as adquiridas com os personagens foram acrescentadas, para que o trabalho não ficasse com aspecto estático.

Ao final, alguns entrevistados agradeceram a elaboração do documentário que segundo eles é fundamental para que a população tenha conhecimento sobre o a história do jiu-jitsu no Amapá.

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo do estudo abordado neste memorial foi levantado a relevância da realização do documentário audiovisual esportivo sobre a história do jiu-jitsu no estado do Amapá, que será utilizado para manter a memória viva dos personagens que viveram a trajetória do esporte desde sua implantação no Estado até seu desenvolvimento atual.

A atual geração, a futura e eventualmente as pessoas que querem obter informações sobre o jiu-jitsu terão um documento visual para que possam ter conhecimento do esporte que estão praticando ou que venham a praticar.

A produção de um documentário é uma saída para fugir do óbvio, os autores e documentaristas descritos ao decorrer deste trabalho falam do novo mundo que o documentário é capaz de proporcionar, com novas perspectivas sobre determinado assunto apresentado nos veículos de comunicação. No caso do jiu-jitsu no estado do Amapá não é diferente, pois a mídia local apenas se atenta ao que é mais fácil de produzir, provavelmente os jornalistas fazem essa prática devido às políticas internas da empresa, que é de fazer uma reportagem simples falando apenas do fato ocorrido.

Dos únicos programas televisivos que se atentaram a levar ao público informações além daquelas passadas pelos programas dos grandes veículos locais, dois não estão mais no ar, e o terceiro está iniciando sua caminhada. Este último tem sua grade voltada para divulgar exclusivamente o jiu-jitsu, o primeiro programa televisivo do Amapá a falar unicamente da arte marcial.

A respeito de a mídia ser contra ou a favor do esporte, os entrevistados mencionaram que a mídia local sempre efetuou reportagens para divulgar as competições e efetuando entrevistas com os atletas. Apenas um dos personagens lembrou-se de um fato isolado que aconteceu no Amapá, no qual houve a associação de um golpe de estrangulamento efetuado pelo agressor em sua vítima que gerou a morte do mesmo, e o veículo divulgou a notícia como se o crime fosse praticado por um praticante de jiu-jitsu, quando na verdade não era, segundo relato do entrevistado. Com relação a imprensa nacional, os entrevistados, em sua maioria, falaram sobre os praticantes de jiu-jitsu serem taxados de *Pit Boys* nos anos de 1990 para 2000, pois nesse período algumas pessoas treinavam para brigar nas ruas. Esses casos ocorriam no Rio de Janeiro e São Paulo. Hoje não há mais espaço para essa prática.

Vale ressaltar que os objetivos foram alcançados e a hipótese foi respondida, mesmo com as dificuldades encontradas ao longo do caminho percorrido para produção desta pesquisa. O que mais pesou na balança foi a baixa quantidade de produções relacionadas ao jiu-jitsu no setor da comunicação. Por esta razão que este documento é essencial para que seja utilizado por outros pesquisadores, caso estejam interessados no tema explanado.

## REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo. **Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV** - 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002- 8 reimpressão;

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. 2. ed., 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013;

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial LTDA, 2012.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 4. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2003;

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2009;

EDUARDO Coutinho no Sangue Latino. **Canal Brasil**, 12 de maio de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P74JT7jMURg>>. Acessado em: 16/08/2019.

ENTREVISTA com Rorion Gracie. **The Noite**, São Paulo, 18 novembro de 2015. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=yZLQvPcd1Eo>>. Acessado em: 16/08/2019;

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2005;

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2002;

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2008;

GRACIE, Helio; GRACIE, Rorion. **Gracie Jiu-Jitsu**. tradução Silvia Graaff-Gracie. São Paulo : Saraiva, 2010;

HALBWACHS, Maurice, 1877-1945. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou, São Paulo: Centauro, 2003;

JUNIOR, Francisco et al. **A HISTÓRIA DO JIU-JITSU NO AMAPÁ: origem e evolução**. CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO AMAPÁ, 2016;

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004;

LINS, Consuelo. **O Documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004;

MEDINA, Cremilda. **Entrevista O Diálogo Possível**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1986;

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário** / Bill Nichols; Trad. Mônica Saddy Martins. - 5 ed. - Campinas, SP: Papirus, 2012. - (Coleção Campo Imagético);

OLIVEIRA, Ivan. **Introdução À Metodologia Científica**. Pará de Minas, MG: Virtualbooks, 2011;

O Documentário e a memória - João Moreira Salles – varandas.doc. **ITS Rio**, 09 de outubro de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Pf1SZbBc3cI>>. Acessado em: 16/08/2019;

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2007;

ROYCE Gracie relembra desafios, fala sobre doping e início no UFC. **Portal do Vale tudo**, 7 de maio de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4zYG73FSSho>>. Acessado em: 16/08/2019.

SOUZA, Gustavo. **Fronteiras (in)definidas: aproximações e divergências entre documentário e jornalismo**. 2009. Disponível em: <[http://doc.ubi.pt/06/artigo\\_gustavo\\_souza.pdf](http://doc.ubi.pt/06/artigo_gustavo_souza.pdf)>. Acessado em: 15/02/2018;

TÓFOLI, Luciene. **Ética no Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008 – (Coleção Ética nas Profissões);

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística** – uma comunidade interpretativa transnacional. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2013;

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. 3. ed. rev Florianópolis: Insular, 2012.

UNZELTE, Celso. **Jornalismo esportivo: relatos de uma paixão**. V.4. Magaly Prado (org.). São Paulo: Saraiva, 2009.

**ANEXOS:****ROTEIRO:**

<b>Entrevistados e descrição das imagens utilizadas</b>	<b>Deixa inicial e final</b>	<b>Tempo</b>
O início do documentário contém a música “Jiu-Jitsu Evolução” (letra: Bili MC; produção: Felipe Pipo), imagens de competições e aulas. A música foi utilizada também como trilha sonora nas transições dos intertítulos.		<b>00:00 a 00:54</b>
Victor Santos (Cachorrão) faz uma introdução sobre a implantação do jiu-jitsu no Amapá.	<b>Deixa inicial:</b> Pois é, o jiu-jitsu começou aqui...  <b>Deixa final:</b> ... a equipe Fábio Carvalho.	<b>00:55 a 01:42</b>
<b>Os entrevistados falam sobre como iniciaram no esporte.</b>		
Victor Santos (cachorrão)	<b>Deixa inicial:</b> Comecei no jiu-jitsu...  <b>Deixa final:</b> ... como professor de jiu-jitsu.	<b>01:43 a 02:21</b>
Fran Façanha (Urso)	<b>Deixa inicial:</b> A minha história no jiu-jitsu...  <b>Deixa final:</b> ... isso já tem 20 anos.	<b>02:22 a 03:14</b>
Orlando Júnior	<b>Deixa inicial:</b> Eu comecei...  <b>Deixa final:</b> ... e começou a dar aula pra gente aqui.	<b>03:15 a 04:23</b>
Tayanne Santos	<b>Deixa inicial:</b> Eu iniciei no jiu-jitsu...  <b>Deixa final:</b> ... interessando pela luta.	<b>04:24 a 04:39</b>
Tadeu Beltrão	<b>Deixa inicial:</b> Começou em 97...  <b>Deixa final:</b> ... um amigo de infância.	<b>04:40 a 05:23</b>
<b>Paixão pelo jiu-jitsu</b> Imagens da torcida.		<b>05:24 a 05:33</b>
Fran Façanha	<b>Deixa inicial:</b> Bom,	<b>05:34 a 06:51</b>

Imagens dele auxiliando os seus atletas e lutando.	primeiro, sempre fui... <b>Deixa final:</b> ... as lutas no UFC, Estados Unidos.	
Orlando Júnior	<b>Deixa inicial:</b> Foi quando eu fui para São Paulo... <b>Deixa final:</b> ... me ensinaram.	<b>06:52 a 07:22</b>
Tayanne Santos	<b>Deixa inicial:</b> A minha melhor opção... <b>Deixa final:</b> ... nunca mais sair.	<b>07:23 a 07:38</b>
Tadeu Beltrão	<b>Deixa inicial:</b> Eu comecei com o karatê... <b>Deixa final:</b> ... o jiu-jitsu me dá esse controle.	<b>07:39 a 08:42</b>
<b>As mulheres e o esporte</b> Imagens do 2º Encontro Rosa “BJJ” ( outubro de 2018)		<b>08:43 a 08:55</b>
Fran Façanha (Urso)	<b>Deixa inicial:</b> A difusão do jiu-jitsu... <b>Deixa final:</b> ... não vejo preconceito na entrada das meninas no esporte.	<b>08:56 a 10:51</b>
Victor Santos (cachorrão)	<b>Deixa inicial:</b> Cara as meninas... <b>Deixa final:</b> ...feminino tá muito show.	<b>10:52 a 11:56</b>
Tayanne Santos Fotos do arquivo pessoal foram utilizadas.	<b>Deixa inicial:</b> No início... <b>Deixa final:</b> ... não tinha dez praticando jiu-jitsu.	<b>11:57 a 12:51</b>
O jiu-jitsu e a imprensa		<b>12:52 a 12:56</b>
Fran Façanha (Urso)	<b>Deixa inicial:</b> Nos primórdios do jiu-jitsu... <b>Deixa final:</b> ... de jiu-jitsu também.	<b>12:57 a 14:15</b>
Orlando Júnior	<b>Deixa inicial:</b> Nós éramos taxados... <b>Deixa final:</b> ... esses patrocínios não vêm.	<b>14:16 a 16:00</b>
Victor Santos (cachorrão)	<b>Deixa inicial:</b> Como ele era	<b>16:01 a 16:27</b>

	<p>muito...</p> <p><b>Deixa final:</b> ... sempre foi um ponto atrativo.</p>	
Tadeu Beltrão	<p><b>Deixa inicial:</b> Pro jiu-jitsu crescer...</p> <p><b>Deixa final:</b> ... era superior as outras.</p>	<b>16:28 a 16:57</b>
Orlando Júnior	<p><b>Deixa inicial:</b> Se estiver com...</p> <p><b>Deixa final:</b> ... eu tô falando de seis campeonatos.</p>	<b>16:58 a 17:38</b>
A família e o esporte		<b>17:39 a 17:43</b>
Fran Façanha (Urso)	<p><b>Deixa inicial:</b> No começo...</p> <p><b>Deixa final:</b> ... na verdade, né.</p>	<b>17:44 a 18:15</b>
Renilde Façanha Mãe do Fran Façanha (Urso)	<p><b>Deixa inicial:</b> Eu sou protetora...</p> <p><b>Deixa final:</b> ... não jogo, não faço nada.</p>	<b>18:16 a 18:49</b>
Orlando Júnior	<p><b>Deixa inicial:</b> O que acontece...</p> <p><b>Deixa final:</b> ... me convida para uma formatura.</p>	<b>18:50 a 19:28</b>
Tadeu Beltrão	<p><b>Deixa inicial:</b> No meu caso...</p> <p><b>Deixa final:</b> ... benefício pra mim</p>	<b>19:29 a 19:57</b>
Tayanne Santos	<p><b>Deixa inicial:</b> A minha mãe...</p> <p><b>Deixa final:</b> ... só no jiu-jitsu mesmo.</p>	<b>19:58 a 20:20</b>
<b>Das Federações ao Profissionalismo</b> Imagem de atletas se preparando para lutar em uma competição.		<b>20:021 a 20:25</b>
Victor Santos (cachorrão)	<p><b>Deixa inicial:</b> No jiu-jitsu...</p> <p><b>Deixa final:</b> ... foi criada em 2012.</p>	<b>20:26 a 21:32</b>
Tadeu Beltrão	<p><b>Deixa inicial:</b> A gente viu...</p> <p><b>Deixa final:</b> ... muito grande</p>	<b>21:33 a 21:47</b>
Imagens do Black Belt de		

2018.	aqui no Estado.	
Victor Santos (cachorrão)	<b>Deixa inicial:</b> Eu vi a necessidade...  <b>Deixa final:</b> ... será que esse cara vai continuar com esse trabalho.	<b>21:48 a 22:26</b>
Tadeu Beltrão	<b>Deixa inicial:</b> Hoje nós temos um calendário...  <b>Deixa final:</b> ...nós acompanhamos.	<b>22:27 a 22:43</b>
Fran Façanha (Urso)	<b>Deixa inicial:</b> Na verdade, no início...  <b>Deixa final:</b> ...eventos de qualidade mesmo.	<b>22:44 a 23:18</b>
Tayanne Santos	<b>Deixa inicial:</b> Em 2016...  <b>Deixa final:</b> ... a começar arbitrar.	<b>23:19 a 23:49</b>
Tadeu Beltrão Gravação de projetos sociais	<b>Deixa inicial:</b> Peguei a federação...  <b>Deixa final:</b> ... com o jiu-jitsu.	<b>23:50 a 25:18</b>
<b>Dá para viver do jiu-jitsu</b> Imagem d academia do Orlando JR		<b>25:19 a 25:24</b>
Tadeu Beltrão	<b>Deixa inicial:</b> Na verdade, viver...  <b>Deixa final:</b> ... hoje eu vivo exclusivo do jiu-jitsu.	<b>25:25 a 26:01</b>
Orlando Júnior Imagens dos certificados que o professor possui	<b>Deixa inicial:</b> O profissional...  <b>Deixa final:</b> ... me dedicando aos meus alunos.	<b>26:02 a 26:55</b>
Fran Façanha (Urso)	<b>Deixa inicial:</b> Como você falou...  <b>Deixa final:</b> ...a seguir em frente.	<b>26:56 a 27:49</b>
Tayanne Santos	<b>Deixa inicial:</b> O jiu-jitsu...  <b>Deixa final:</b> ...de campeonato.	<b>27:50 a 28:06</b>
Tadeu Beltrão	<b>Deixa inicial:</b> Hoje, projetos...	<b>28:07 a 29:04</b>

	<b>Deixa final:</b> ... trabalho que a outra.	
<b>O futuro do esporte no Amapá</b>		<b>29:05 a 29:11</b>
Tadeu Beltrão	<b>Deixa inicial:</b> O jiu-jitsu é o meu... <b>Deixa final:</b> condição de vida.	<b>29:12 a 29:29</b>
Victor Santos (cachorrão)	<b>Deixa inicial:</b> Eu como presidente da Federação... <b>Deixa final:</b> ... do estado do Amapá.	<b>29:30 a 29:43</b>
Orlando Júnior	<b>Deixa inicial:</b> O meu objetivo... <b>Deixa final:</b> ... um público mais exigente.	<b>29:44 a 29:57</b>
Tadeu Beltrão	<b>Deixa inicial:</b> É um desafio... <b>Deixa final:</b> ... aqui no Estado.	<b>29:58 a 30:24</b>
Orlando Júnior	<b>Deixa inicial:</b> Fazer com que o... <b>Deixa final:</b> ... sem os dois braços.	<b>30:25 a 31:10</b>
Victor Santos (cachorrão)	<b>Deixa inicial:</b> O jiu-jitsu nunca... <b>Deixa final:</b> ... me deu amizades.	<b>31:11 a 31:14</b>
<b>Créditos</b>		
Orlando Júnior	<b>Deixa inicial:</b> Primeiramente... <b>Deixa final:</b> ... para as outras pessoas.	<b>31:15 a 31:35</b>
Tadeu Beltrão	<b>Deixa inicial:</b> E agora... <b>Deixa final:</b> ...abraço pra vocês, oss...	<b>31:36 a 31:56</b>

# TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO



### Autorização de uso de imagem, som de voz e nome

Eu, abaixo assinado e identifico, autorizo o uso de minha imagem (foto e vídeo), som da minha voz (gravação de entrevista), além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor o documentário que visa apresentar a história do jiu-jitsu no Estado do Amapá – Macapá, que é um projeto experimental de Trabalho de Conclusão de Curso, sob a supervisão do docente do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), professor Jefferson Saar. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico, digital e impresso.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia física (DVD, dispositivos USBs e etc.) como também em mídia eletrônica (programas de TV, internet, Banco de Dados Informatizado Multimídia), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamentos e formação sem qualquer ônus a UNIFAP ou terceiros por esses expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sociocultural voltada à preservação da memória, em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Macapá, 04 de agosto de 2018

Fran dos Santos Façanha  
Assinatura

Nome Completo:	Fran dos Santos Façanha
Endereço:	Av. Pérvia - 75
Cidade:	Macapá
RG N°:	057.093
CPF N°:	563.365.942-20
Telefone:	99195-0385
E-mail:	Fran75facanha@gmail.com



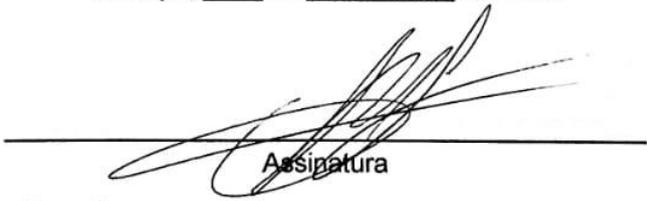
### Autorização de uso de imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem (foto e vídeo), som da minha voz (gravação de entrevista), além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor o "Terra de Guerreiros: a história do jiu-jitsu amapaense" produzido pelos acadêmicos Sávio Leite Santos e Dioni Willian Trindade de Lima, sob a supervisão do docente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Prof. Dr. Jefferson Saar. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico, digital e impresso.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia física (DVD, dispositivos USBs e etc.), impresso (livros e jornal) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a UNIFAP ou terceiros por esses expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural voltada à preservação da memória, em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Macapá, 19 de setembro de 2018

  
Assinatura

*Orlando Lourenço Morais Júnior*



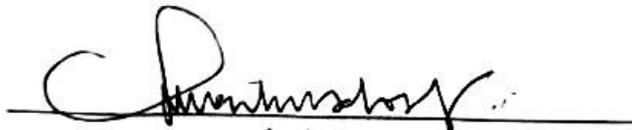
### Autorização de uso de música

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem (foto e vídeo), som da minha voz (gravação de entrevista), além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor o "Terra de Guerreiros: a história do jiu-jitsu amapaense" produzido pelos acadêmicos Sávio Leite Santos e Dioní Willian Trindade de Lima, sob a supervisão do docente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Prof. Dr. Jefferson Saar. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico, digital e impresso.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia física (DVD, dispositivos USBs e etc.), impresso (livros e jornal) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos), Internet, Banco de Dados Informatizado (*Multimídia*), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a UNIFAP ou terceiros por esses expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural voltada à preservação da memória, em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Macapá, 09 de Outubro de 2018

  
Assinatura



### Autorização de uso de imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem (foto e vídeo), som e minha voz (gravação de entrevista), além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor o "Terra de Guerreiros: a história do jiu-jitsu amapaense" produzido pelos acadêmicos Sávio Leite Santos e Dioni Willian Trindade de Lima, sob a supervisão do docente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Prof. Dr. Jefferson Saar. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico, digital e impresso.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia física (DVD, dispositivos USBs e etc.), impresso (livros e jornal) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos), Internet, Banco de Dados Informatizado (Multimídia), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a UNIFAP ou terceiros por esses expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural voltada à preservação da memória, em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Macapá, 16 de novembro de 2018

Tayanne Nadine da Costa Santos

Assinatura

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO



## Autorização de uso de imagem, som de voz e nome

Eu, abaixo assinado e identifico, autorizo o uso de minha imagem (foto e vídeo), som da minha voz (gravação de entrevista), além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor o documentário que visa apresentar a história do jiu-jitsu no Estado do Amapá – Macapá, que é um projeto experimental de Trabalho de Conclusão de Curso, sob a supervisão do docente do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), professor Jefferson Saar. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico, digital e impresso.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia física (DVD, dispositivos USBs e etc.) como também em mídia eletrônica (programas de TV, internet, Banco de Dados Informatizado Multimídia), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamentos e formação sem qualquer ônus a UNIFAP ou terceiros por esses expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sociocultural voltada à preservação da memória, em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Macapá, 23 de Agosto de 2019

Assinatura

Nome Completo:	TADU RICELI DE VITÓRIA SAAR
Endereço:	R. Pres. Vargas 1081
Cidade:	Macapá
RG Nº:	461224
CPF Nº:	658311873-65
Telefone:	
E-mail:	FALL.MA@GMAIL.COM



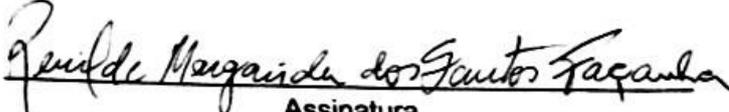
#### Autorização de uso de imagem

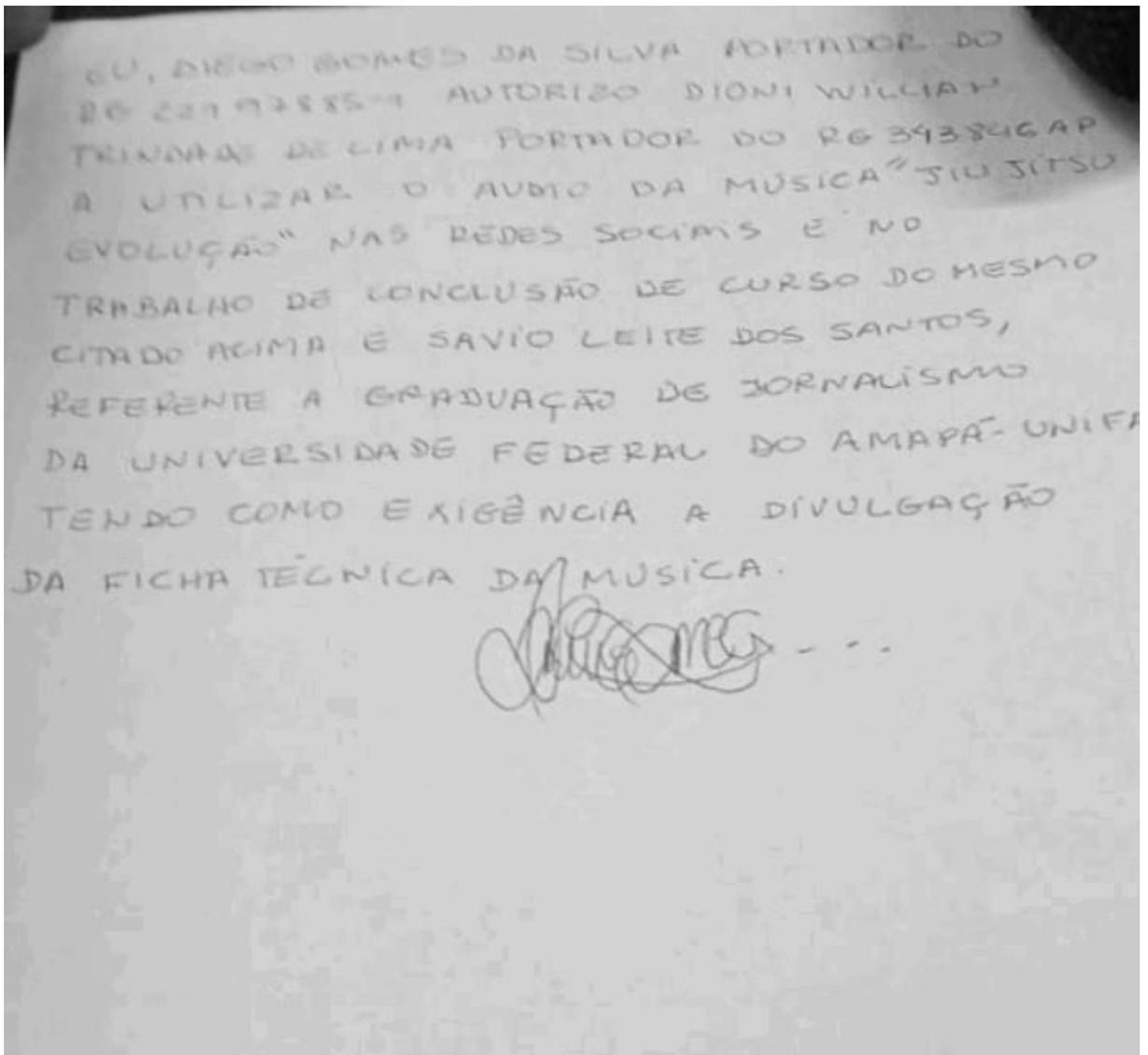
Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem (foto e vídeo), som e minha voz (gravação de entrevista), além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor o "Terra de Guerreiros: a história do jiu-jitsu amapaense" produzido pelos acadêmicos Sávio Leite Santos e Dioni Willian Trindade de Lima, sob a supervisão do docente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Prof. Dr. Jefferson Saar. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico, digital e impresso.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia física (DVD, dispositivos USBs e etc.), impresso (livros e jornal) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos), Internet, Banco de Dados Informatizado (*Multimídia*), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a UNIFAP ou terceiros por esses expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural voltada à preservação da memória, em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Macapá, 04 de 01 de 2019

  
Assinatura



### **ENTREVISTA 1 - FRAN DOS SANTOS FAÇANHA (URSO) - 04 - 08 – 2018**

#### **Qual é sua história no jiu-jitsu?**

“Minha história no jiu-jitsu começou em 1998 ou 1999, não tô bem certo, mas foi nessa data. Na verdade eu fazia antes Taekwondo, nesse período eu comecei assistir as lutas do UFC e me interessei pela luta, jiu-jitsu, como não tinha aqui em Macapá eu continuei ainda treinando Taekwondo, normalmente, participando de alguns campeonatos, graduações. Mas aí, conversando com amigos eu tive a notícia que tinha chegado o jiu-jitsu aqui, já tinha uma academia de jiu-jitsu. Aí pronto! Larguei tudo, fui atrás do jiu-jitsu e me apaixonei pela arte. Desde 1999 pratico até hoje, isso aí tem 20 anos praticamente”.

**O que te fez se apaixonar pelo jiu-jitsu?**

“Primeiro, eu sempre fui interessado em lutas, em esporte de contato, combate mesmo. O que eu praticava, o Taekwondo, tinha muitas regras, ao meu ver não era muito livre, aproximando da realidade da luta. Quando eu tive a notícia do jiu-jitsu, e vi que o jiu-jitsu tem uma parte voltada para o MMA, que era o antigo Vale Tudo, aí que eu me interessei pela arte, desde então passei a praticar o jiu-jitsu”.

**Essa paixão pelo Vale Tudo, como surgiu?**

“O Vale Tudo, eu passei a me apaixonar justamente quando comecei assistir as lutas do UFC, aí eu vi a família Gracie lutando, Royce Gracie ganhando aqueles adversários... Cem quilos de diferença dele. Eu falei, égua! Essa arte... Essa luta é a melhor luta que existe, porque uma cara que pesa oitenta quilos consegue ganhar de um outro de cento e vinte, cento e trinta, cento e quarenta quilos... Não tem luta melhor que essa. Desde então me apaixonei, justamente assistindo as primeiras lutas de Vale Tudo, as primeiras lutas de Vale Tudo, as lutas no Brasil também e principalmente o UFC nos Estados Unidos”.

**Quem apresentou o jiu-jitsu para o senhor?**

“Eu fui atrás... Quando eu tava na internet batendo um papo com um amigo meu e começamos a conversar sobre luta, também ele é interessado, e ele falou: ‘oh Fran! Tem uma academia lá do Mário... Que eles estão treinando jiu-jitsu’. Então, foi esse meu amigo... Aí ele falou que existia essa luta lá, o jiu-jitsu, aí fui atrás, me inscrevi na academia do Mário que ficava na General Rondon, ali próximo da Igreja Matriz. Desde então nunca mais parei o jiu-jitsu”.

**Quando você saiu dessa equipe, você passou treinar em qual local?**

“Eu comecei treinando com o Mário, e foi justamente quando veio um faixa preta do Nordeste, do Rio Grande do Norte, o Magnus Décio, que foi o primeiro faixa preta daqui de Macapá. Quando ele chegou pra cá pra Macapá, agente ficou treinando lá na academia Kyoto, que o nome da academia dele lá do Rio Grande do Norte. Ficamos treinando lá. Ele trabalhou por algum tempo aqui, depois que ele voltou ficamos sem faixa preta aqui no Estado... Começaram a surgir outras academias, mas eu não queria mudar de academia... Quem assumiu a academia do Décio foi o Fabinho, Fábio Carvalho, foi justamente o que me graduou a faixa preta. Até hoje sou discípulo do Fábio Carvalho”.

**A questão das academias funcionarem na quadra do São José, essa academia que você fazia parte passou a funcionar lá também?**

“Quando o Décio foi embora pra Natal... Fechou a academia do Mário também, ele se desinteressou pelo esporte... aí agente foi com a equipe toda do Fábio Carvalho... Ele alugou, aí gente ficou trinando nos fundos da sede do São José. Depois passamos por outras academias, o time todo... a gente tava meio sem local fixo, a gente alugava uns espaços”.

**Quando foi que você decidiu montar sua equipe?**

“Justamente quando o Fábio Carvalho foi embora também, que ele não era daqui, ele é carioca, as coisas não deram certo quanto trabalho dele aqui. Aí ele teve que ir embora com a família pro Rio de Janeiro, ficamos novamente sem equipe. Aí eu resolvi assumir a academia. Aluguei os fundos do São José, aí criei a minha própria academia que hoje é a equipe Urso”.

**Os atletas não deixam de ser guerreiros, você atribui a história dos guerreiros do passado com os de hoje?**

“Com certeza! Geralmente a gente chama os lutadores de samurais, porque o samurai é altamente disciplinado... Ele vive uma filosofia de vida, o esporte que ele pratica... Chega ser uma religião, uma doutrina mesmo. Os samurais eram assim, eles entravam num combate para matar ou morrer e a honra era acima de tudo, a disciplina muito forte também. Então, por isso que eu me apaixonei pela luta, justamente por essa disciplina militar... Treinamento muito forte. A gente associa geralmente aos samurais”.

**Como você vê o foco da imprensa no esporte?**

“Nos primórdios do Jiu-Jitsu a imprensa era totalmente contra, porque era muito ligado a violência do Vale Tudo. O Jiu-Jitsu possui três partes: a competitiva, que quase não existia na época porque não tinha praticantes; a segunda parte era de submission, que também não tinha praticantes; o que restava era a parte do MMA, da luta, da porrada. Então a imprensa não focava no Jiu-jitsu justamente porque o que se destacava era a parte d porrada... Hoje em dia existe muitas regras... A imprensa já vê com esse olhos, como um esporte que tem regras, que disciplina, que têm categorias. No passado não, que era a parte da porrada do MMA, hoje em dia a imprensa divulga bastante o esporte e têm milhares e milhares de praticante de Jiu-Jitsu, hoje, pelo Brasil e no Amapá temos milhares de praticante também”.

**Você sabe o período do Vale Tudo até a entrada das competições de Jiu-Jitsu?**

“Oh! Isso eu não sei te informar. Como eu te falei, o Jiu-Jitsu se destacou no início por causa do Vale Tudo, então, o que se tinha notícia de lutador de Jiu-Jitsu era lutando Vale Tudo, não tinha competições... Quando os Gracies começaram a divulgar, a difundir o Jiu-Jitsu, começaram outros praticantes entrar nesse mundo, outros atletas a começarem a praticar o Jiu-Jitsu de pano. Aí surgiram as primeiras lutas casadas, porque não tinha como fazer um campeonato sem atletas; mobilizar toda uma estrutura para fazer duas, três lutas, não tinha como... Surgiram outros lutadores, começaram a fazer lutas casadas de Jiu-Jitsu... O período não sei te informar quando iniciaram os campeonatos. O Jiu-Jitsu explodiu! temos academias e vários faixas pretas, vários alunos e tá bem difundido Jiu-Jitsu aqui no Amapá”.

**Você tem uma jornada dupla, como faz para manter a paixão pelo esporte?**

“Tem que ser apaixonado pelo esporte pra você continuar dando aula e formando novos atletas e novos campeões. Hoje em dia no Estado, ao meu ver não dá pra gente sobreviver... Acho que no esporte de uma forma geral no Estado. Mas voltando para a nossa parte de luta, não dá para gente sobreviver, então a gente tem que ter um emprego separado... Além de dar aula de Jiu-Jitsu, tenho outro emprego que me sustenta e minha família. Então tem que ser apaixonado mesmo, pra você chegar do serviço ainda ter a disposição de vim dar aula, de vim rolar, de vim treinar com os alunos. É complicado! Mas é a paixão pela luta que te vai mover a seguir em frente... Eu sou professor de história há dezoito anos”.

**Como você vê a inserção das mulheres no Jiu-Jitsu?**

“A difusão do Jiu-Jitsu tá sendo muito grande hoje em dia. A mulherada tá procurando primeiramente com um foco de um condicionamento físico... A mulher gosta mais dessa parte de aeróbica. O Jiu-Jitsu tem muita aeróbica, e muita força. A mulherada tá procurando justamente para fazer uma atividade física, e acaba quando ela vem e conhece que é um tipo de defesa pessoal se apaixonou pela arte. A chegada das mulheres no Jiu-Jitsu tá sendo muito grande, tanto é que nos campeonatos tem quase todas as categorias, já tem faixa preta de Jiu-Jitsu feminino aqui no Estado. Já tem luta de faixa preta, que há cinco anos não se tinha. Já tem faixa preta, faixa marrom, faixa roxa, faixa branca tem uma infinidade de meninas treinando. Tá se difundido cada vez mais essa população feminina”.

**No começo teve preconceito com a inserção das mulheres?**

“Em todas as outras modalidades, até mesmo no aspecto da evolução feminina, tem professores que têm um preconceito... Eu particularmente até gosto quando vem mais, porque,

pra representar a equipe... Fazer bonito. Geralmente as mulheres são muito guerreiras, elas têm uma disciplina maior que a dos homens, são mais disciplinadas, elas aprendem rápido também. Na minha academia não existe discriminação nenhuma, nem preconceito nenhum. Não sei quanto as outras academias. Mas não vejo preconceito na entrada das meninas no esporte”.

### **Quando você participou da primeira competição?**

“A minha primeira competição, eu participei no primeiro ano que eu comecei a treinar. Acho que foi em 1999, eu já lutei como faixa branca no Jiu-Jitsu... Como só tinha uma academia, então a gente fazia torneios internos. Então a minha primeira competição valendo medalha, valendo pontuação, foi em 1999 lá no ginásio São José. Foi emocionante, uma coisa é você treinar, outra coisa quando tá valendo mesmo. Foi muito emocionante pra mim, foi onde eu botei na cabeça que aquele sim era o esporte. Porque você se testa na hora do campeonato, vê se tá funcionando o teu treinamento ou não”.

### **E os Black Belts, os eventos de lutas casadas?**

“Os Black Belts, hoje em dia, estão sendo os torneios mais importantes, porque são eventos bem organizados, voltados só para os faixas pretas, que você lutas de profissionais especialistas na arte. É algo bem interessante de você assistir... Esses torneios são excelentes de participar, tem um público muito bom, uma torcida boa. É interessante de participar desse eventos”.

### **Como você avalia a evolução da organização das competições?**

“No início você peca muito por causa da inexperiência de organizar torneios. Mas hoje em dia tá muito profissional. A evolução foi muito boa... É lógico que tem algumas falhas, como existe falhas até em mundiais, principalmente por parte de arbitragem. Mas na parte da organização, tão excelente os eventos. Eventos de qualidade mesmo”.

### **Você chegou vê uma imagem pejorativa do Jiu-Jitsu veiculado pela imprensa?**

“Sim! Eu acho que a imprensa até que começou a apoiar o Jiu-Jitsu, o Vale Tudo na época da família Gracie. Mas aí teve aquele caso clássico, que foi proibido o MMA, o Vale Tudo no Rio de Janeiro quando houve uma competição lá que teve um quebra, quebra geral e voava cadeira pra tudo quanto é lado. Desde então proibiram organizarem torneios de Vale Tudo no

Rio de Janeiro. Isso pegou muito mal, isso foi dez passos pra trás na divulgação do Jiu-Jitsu. Mas a gente deve ressaltar que não era só o Jiu-Jitsu que tinha lá... Na verdade a rivalidade era entre o Jiu-Jitsu e a Luta Livre, que era uma rivalidade muito antiga, desde o início também... Tinha lutadores de Capoeira, Kung Fu. Só que o bicho pegava quando se encontravam, normalmente, lutadores Jiu-Jitsu e da Luta Livre. Nesse caso não me recordo qual foi a luta, sei que foi o ápice”.

### **Entre as academias de jiu-jitsu houve rivalidade?**

“A rivalidade saudável sempre teve e sempre vai ter. Tem alguns alunos que extrapolam nessa rivalidade e levam para o lado pessoal... Até porque nossa arte, o jiu-jitsu, ele envolve um certo tipo de violência. Então, os nervos estão a flor da pele, de repente existe algumas brigas separadas. Mas rivalidade, assim, forte, entre as academias sempre existiu e sempre vai existir. Era a nossa academia contra a do Frankiko no início”.

### **Seus pais aceitaram sua entrada no jiu-jitsu?**

“No começo eles não gostavam... Porque quando viam as notícias na televisão do jiu-jitsu, que era violento... A orelha quebrada, toda espocada... No início a mamãe e o papai falaram: ‘não! Continua no Taekwondo, que é um esporte menos violento’. Eu falei não! Paixão é paixão. Não tem como você evitar. No início eles foram contra, mas tiveram que se acostumar, porque é uma escolha de cada um”.

### **Como era a visão das pessoas sobre o jiu-jitsu no início?**

“No início se via o jiu-jitsu como esporte marginal, de brigão, de vagabundo de marginais mesmo! Você fala que era jiu-jiteiro, primeira coisa, as pessoas davam um passo atrás, ficam com medo. Porque já tinha esse preconceito, não tinham ainda o conhecimento do esporte, a disciplina, a doutrina do jiu-jitsu. Infelizmente teve no início alguns casos dos chamados *bad boys*, que faziam arruaça nas festas. Primeiro, uma pessoa que vive em festa, ele não é um atleta, então, eles nem deveriam ser chamados de atleta esses *bad boys*. Porque uma pessoa que é um atleta de ponta, a vida é muito regrada, a disciplina é muito forte, é dieta, é muito exercício, tem que descansar. Os *bad boys* sujaram um pouco o nome do jiu-jitsu no início, isso fez com que pegasse para todos os lutadores, então você falava que era um jiu-jiteiro o pessoal fica meio desconfiado, com medo, que você era marginal, que você era brigão, não poderia falar nada que tu iria partir para a ignorância. Não era bem assim! Comigo aconteceu

também esses preconceito no início. Mas aí depois o povo foi conhecendo um pouco mais, e conhecendo as pessoas, aí sim! Esse preconceito diminuiu”.

## **ENTREVISTA 2 - ORLANDO JR – 19 – 09 – 2018**

00:21 a 2:23

“Eu comecei a treinar jiu-jitsu em 1998, em Belém do Pará quando eu fui fazer um cursinho para fazer vestibular... Onde foi que eu conheci o jiu-jitsu, comecei a treinar com o professor Alexei Cruz. Só que eu passei só seis meses em Belém e voltei pra cá. Chegando aqui, tive a oportunidade de treinar com o professor Kleber que tava aqui. Depois fui para São Paulo, onde eu fui fazer faculdade de Direito na época. Lá continuei treinando e conheci a academia Rocian Gracie Júnior. Posteriormente comecei a treinar com outro professor, que era da equipe Lotus Club em 1999... Já no final de 2000, eu retornei para Macapá em 2001. Eu já dou continuidade no jiu-jitsu aqui em Macapá, com o professor Ney de Belém. Na época era faixa marrom e comecei a dar aula para gente aqui. Mas cheguei a treinar com o professor Magnus Décio, que foi o primeiro presidente da Federação do Estado do Amapá... Posteriormente o professor Décio veio a falecer, e o Ney teve que ir embora do Estado por outras oportunidades melhores fora daqui. Aí veio o professor Frankiko para cá, assumiu a turma e começou a dar aula, e, depois que o professor Frankiko foi daqui começou essa ampla jiu-jitsu que hoje tem no Estado. Daí saiu minha equipe, saiu várias equipes, chegou outras pessoas de fora que montaram equipes e hoje o jiu-jitsu tá, gigantesco.

### **Quando você descobriu que o jiu-jitsu era sua paixão?**

2:26 a 2:56

“Foi quando eu fui para São Paulo, porque lá em São Paulo eles respiram jiu-jitsu. O jiu-jitsu de São Paulo é diferenciado, porque as pessoas são muito educadas, eles tratam o jiu-jitsu como uma profissão. Então, eu vi naquele momento a quase vinte anos atrás que eu poderia ter uma profissão, sendo professor de jiu-jitsu como eu peguei vários professores em São Paulo que me ensinaram”.

### **O que você atribui para a conquista no setor empresarial com o jiu-jitsu?**

2:59 a 4:23 (segundo vídeo)

“Para eu chegar a ti falar do sucesso... É muito trabalho... Nós estamos em 2018, já tem 20 anos. São 20 anos que eu tô treinando, lutando, ensinado, me dedicando aos meus alunos, levando atletas daqui par fora. Eu nunca desistir, porque o meu objetivo maior era um dia colocar uma academia no Estado, como se fosse lá de São Paulo ou então do Rio de Janeiro, dos grandes centros, para atender a população aqui no estado do Amapá, com um público mais exigente. Comecei a trabalhar como professor em 2005, que foi quando montei a minha equipe Esquadrão Orlando Júnior de Jiu-Jitsu e MMA. A gente começou a levar atletas para lutar fora, tanto que da minha academia saiu atleta para o UFC, saiu atletas para o *Jungle Fight*, pro *Shooto*. Hoje, tenho campeões pan-americano, mundial do jiu-jitsu esportivo, tenho campeão brasileiro, tenho vários títulos, nossa academia tem pra mais de dez títulos amapaenses”.

### **Qual foi a maior dificuldade que você enfrentou durante esses 20 anos de jiu-jitsu?**

3:24 a 1:35 (terceiro vídeo)

“A maior dificuldade, sinceramente, é de segurar o povo amapaense, o adorador do jiu-jitsu na academia, de fidelizar. Essa é a maior dificuldade, porque o nosso povo aqui, ele é muito boêmio, gosta da noite, gosta da farra. Isso daí atrapalha, pra quando a gente quer chegar num lugar mais alto. Todo mundo tem o direito de se divertir e fazer o que quiser de sua vida, com certeza! Mas se tratando em relação a você ter uma vida esportista com uma vida boêmia, não dá muito certo. A pessoa não consegue se segurar... Aí acarreta em outras situações, lesões e coisas assim que precisamos do descanso, para poder treinar bem no outro dia. E se tu não tem descanso, com certeza vai sofrer aqui no treinamento. Tirei muitos não só da vida boêmia, mas como das drogas. Agora perder eu te digo tenho no dedo, eu tenho cinco atletas que eu perdi tanto para as drogas, quanto preferiu sair da academia e fazer outra coisa da vida”.

### **Você teve problemas com essa indisciplina efetuada por alguns de seus atletas?**

1:23 a 2:33 (terceiro vídeo)

“O que eu tenho colocado e frisado bem? Aqui é uma escola de artes maciais, só que antes disso aqui é uma empresa. É uma academia constituída com CNPJ e tudo mais... Eles não só são meus alunos como são os meus clientes, a partir do momento que ele tá pagando eu tô prestando um serviço pra ele. Uma via de mão dupla, e a gente prega a arte marcial pra essas pessoas que estão aqui. Mas infelizmente no meio de 300, 400 alunos que eu tenho nesses meus 15 anos de trabalho, pô... Como eu falei, se eu tiver cinco... Vê a proporção aí, é só

fazer! Não dá zero vírgula alguma coisa por cento, olha a diferença. Então, eu sou uma pessoa realizada nessa parte, por eu ter conseguido alcançar essa metodologia”.

### **Você sofreu preconceito por seguir a carreira do jiu-jitsu?**

00:13 a 3:05 (quarto vídeo)

“O que ele falou é a realidade de todo mundo. Porque o jiu-jitsu na nossa época era taxado como briga... Minha família na época queria que eu me formasse e fosse advogado, e eu escolhi esse outro lado. O que eu gosto é isso aqui, eu escolhi dar aula de jiu-jitsu. Como eu já tenho uma idade avançada... A minha vida de atleta não tem como mais. Hoje eu me dedico dar aula e não só formar atletas, mas o que mais me satisfaz, é o que eu falo quase todos os dias aqui, é quando chega no final do ano e um aluno que entrou aqui sem perspectiva nenhuma de vida me convida para uma formatura. Então, isso daí é o que me satisfaz mais ainda. Por incrível que parece, todo ano eu sou convidado por alunos, dois, três, eu já tive até quatro alunos formando tendo um nível superior, tendo uma profissão. Isso é o que mais me engrandece, a gente fortalecer a parte intelectual das pessoas através da introdução do jiu-jitsu. Porque o jiu-jitsu não é só luta, o jiu-jitsu tem um aparato gigantesco, esse aparato é que eu tento passar. Porque assim, a gente também não pode exigir um exemplo como professor se agente não dá exemplo. Como é que vou exigir que a pessoa tenha o terceiro grau se eu não tenho... É dessa forma, eu tento fazer curso e mais cursos pra quê? Para eu sempre tá no aparato do que eu tô fazendo e tô cobrando também... Eu sou professor de Educação Física por formação e isso alavancou muito a minha metodologia de dar aula, mudar o meu treinamento porque eu tenho aqui crianças de cinco anos, de seis anos de idade e tenho senhores de 65. Então, imagina se eu não tivesse estudado e procurado a melhorar, me aprimorar, como seria para eu dar aula para essa diversidade aqui dentro da minha academia, de cinco para 65? Isso daí foi me moldando, me transformando... Não é fácil, você ter o sucesso mas não quer sofrer por ele. Até hoje eu sofro por isso, eu corro atrás. Porque se eu não fizer, daqui a pouco o mercado me engole e eu não quero isso pra mim. Eu sempre tento fazer da minha aula, do jiu-jitsu que eu ensino, da minha maneira de conversar, de tratar as pessoas sempre de excelência. Porque é o que eu espero também esse retorno de excelência”.

### **Como era o tratamento da imprensa naquela época?**

3:18 a 5:56 (quarto vídeo)

“Nós éramos taxados como marginais, os *Pit Boys* da época porque... Eu lembro bem que a mídia nacional e não a local, ela taxava muito porque tinha alguns que se dizia ser atletas. O eles faziam? Iam para a academia, tomar anabolizante, treinar jiu-jitsu, botar uma camiseta e no final de semana ir para boate. Agora veja só! Uma pessoa que tá com três, quatro, cinco e com camisa de jiu-jitsu e agredir alguém, você acha que é um lutador de verdade? Na minha concepção, não! Só que ele tava com uma camisa de jiu-jitsu, e aí a mídia vai fazer o que? A mídia vai pegar e vai vender o que ele tá fazendo na reportagem. Aqui em Macapá aconteceu isso, infelizmente aconteceu sim. Como em toda e qualquer profissão ou esporte, tem as pessoas boas e as pessoas ruins. Tem gente que vem para aprender, com certeza para aplicar na rua para fazer a maldade, isso acontece, até hoje isso acontece. Hoje, graças a Deus isso tá quase que zero. Mas naquela época era o contrario, um queria aprender a defesa e dez queriam aprender para brigar na rua. Isso daí era notório, só o que enfatizou naquela época era como eles chamavam de gangues de jiu-jitsu... Iam pro shopping pra fazer bronca com alguém, tentar conquistar alguém na marra, ‘porque sou lutador de jiu-jitsu’, pescoço largo, aquela coisa. Hoje em dia esse genótipo acabou porque as categorias são de galo a extrapesadíssimo. A pessoa que pesa 56 quilos, ela pode ter a mesma notoriedade de uma pessoa que luta o absoluto, que não tem peso, por quê? Pelo seu esforço, pela sua dedicação... Como mudou muito, tem gente que faz batizado quando a pessoa troca de faixa, dá faixa. Tem um bocado de situações que eu deixei para trás, porque eu sou muito do lado comercial e o lado que eu tenho respeito pelo se humano. O que eu cobro é o seguinte: se você é bom aqui na academia, você tem que ser bom no campeonato, se você não for no campeonato eu não quero você campeão de academia e piorou se eu souber que tá fazendo alguma coisa na rua”.

### **Quando tem alguma briga que um aluno seu está envolvido, como você resolve?**

6:05 a 9:20 (quarto vídeo)

“Eu não sou nenhum investigador, mas eu tento ver... Porque é sempre assim: tem três versões, tem a da pessoa, tem a nossa e tem a certa. Então tento averiguar para ver qual tipo de situação. O que eu falo para todo mundo é o seguinte, você não pode se acovardar. E também não ser covarde, tem muita gente que não sabe distinguir isso daí. Dependendo da situação... Se você tiver com o jiu-jitsu dentro e você e uma pessoa for lá atacar tua mãe, alguém da tua família você vai fazer o quê? Então a pessoa vim mexer com você lá no seu lugar, isso pra mim é uma defesa. Agora eu não admito a pessoa fazer o inverso, usar o jiu-jitsu para ir lá e atacar, agredir e fazer tudo... As punições hoje eu tento fazer da forma... Ah tu gosta de competir?! Eu já tiro da competição, já não compete mais. Eu já deixo no mínimo

seis meses sem competir, eu tô falando no mínimo de seis campeonatos. A pessoa que gosta de competir, se ela ficar sem um campeonato sem competir, ela já fica doida! Ela já começa a ter o arrependimento. Se ele voltar a fazer isso, infelizmente vou pedir para se retirar da minha equipe por que eu não dou uma, duas, três, quatro, cinco, seis chances. Eu sou uma pessoa que pensa muito antes de falar e de agir. Eu sempre coloco isso para eles, que você tem que pensar muito antes de você refletir, ou seja, quando tu acorda tem que pensar no que você vai fazer, quando você vai dormir primeira coisa tu agradece pelo dia, a Deus, que tu teve e segundo que amanhã seja um dia melhor, não uma dia pior!... Eu vejo por esse lado, não sou de dar muitas chances, dou uma chance... Agora o que acontece muito, vou ser sincero, acontece até comigo também. A pessoa que luta, a pessoa que treina, ela é testada. Então, se for sair, independente do que seja, pô! Eles olham pra você, ele vai lá e ter escora, te dá um empurrão, fica te encarando. Tem muito isso, não só aqui em Macapá, em qualquer lugar do Brasil. Graças a Deus eu não tenho orelha estourada, faço de tudo para não estourar a minha orelha... Os outros caras não, eles preferem que seja estourada para mostrar logo. Eu não! Não vou por esse lado, acho que não é bem assim. Então, eu não sou muito de passar a mão na cabeça... Porque se a pessoa se indisciplina uma, depois de novo, ela vai continuar fazendo... O nome dela já tá sujo, depois vai sujar o nome da academia e posteriormente vai sujar o meu nome, onde no qual futuramente os filhos de vocês não vão vim treinar comigo por quê? Porque dessa academia sai pessoas que não são pessoas boas. Não é isso que eu quero, eu quero que futuramente as outras gerações venham a treinar jiu-jitsu como arte marcial”.

### **Você já foi taxado de *pit boy* ?**

00:24 a 00:42 (quinto vídeo)

“Eu nunca foi taxado disso aí, graças a Deus eu sempre evitei ao máximo envolvimento com qualquer tipo de bronca. A lei tá aí para isso, se você faz alguma coisa errada, mais cedo ou mais tarde você vai pagar”.

### **Com relação a mídia local, qual era o tratamento?**

00:52 a 4:23 (quinto vídeo)

“Eu não tenho o que reclamar da mídia local, porque eles sempre foram apoiadores... De fazer a divulgação de atletas que lutaram fora, dos campeonatos que fazíamos aqui. Desde a época do finado Décio, quando ele fez o primeiro e o segundo campeonato. A mídia nunca fechou as portas... O jiu-jitsu aqui é privilegiado com isso. Infelizmente a mídia faz a venda do produto

dela, do nosso produto, só que a gente precisa de patrocínios. O problema é que esses patrocínios não vem, porque a gente vive num lugar que é quase cem por cento do Governo. A gente não tem empresas aqui, a gente não é valorizado pelo o que a gente é infelizmente! Tem que tá fazendo campanha política pra um, tem que ter um cargo ou então tu tem que te matar estudando para fazer um concurso público, que nem todo ano tem... Por isso que eu luto pela valorização do profissional do jiu-jitsu, lá em São Paulo já tem, no Rio de Janeiro tem, em Brasília tem, se eu não me engano no Riogrande do Sul também tem. Eu já coloquei para alguns políticos que vieram falar comigo, para gente fazer igual como eles fizeram lá. Mas isso tudo certinho, tudo registrado, tudo alinhado. O profissional de jiu-jitsu é aquele que tem todo o documento, não é a pessoa ter uma faixa preta na cintura, não! Como em qualquer outra profissão tem os picaretas. Todo ano eu faço curso de primeiros socorros, por quê? Para eu saber como atender... Porque aqui é um esporte de contado, vira e meche um braço sai do lugar, vira e meche alguém desmaia... Como é que vai fazer?! Qual é o procedimento?! E assim eu vou tentando fazer com que o jiu-jitsu seja reconhecido, meu objetivo maior é esse. Eu até coloquei para alguns políticos, para que eles criassem leis para colocar o jiu-jitsu em alguns órgãos que o jiu-jitsu vai ajudar, se colocar o jiu-jitsu na APAE, já vi terceiro lugar no mundial a pessoa autista. Porque o jiu-jitsu não tem paraolimpíada, no jiu-jitsu luta cego com quem enxerga, luta pessoa com os dois braços, com um braço, com uma perna, sem os dois braços... Aqui em Macapá tem pessoas assim? Tem! Por que essas pessoas são exclusas? Porque elas têm vergonha. A onde é que vamos potencializar isso? No ensinamento do jiu-jitsu, quando a pessoa treina jiu-jitsu, ela fica tolerante, ela fica mais forte, o ego dela sobe mais, pra ela.

### **ENTREVISTA 3 – VICTOR SANTOS (CACHORRÃO) 09 - 10 – 2018**

#### **Conte-me sua história no jiu-jitsu?**

00:28 a 1:05 (primeiro vídeo)

“Eu comecei no jiu-jitsu em 1993, na cidade do Rio de Janeiro... Sou carioca, já resido a 18 anos no estado do Amapá. Há 25 anos atrás comecei a praticar jiu-jitsu na academia do mestre Fernando Pinduka. Como era muito longe da onde eu morava em Nova Iguaçu, acabei migrando para a academia do Souza, de lá a gente começou a dar o andamento no que é hoje o jiu-jitsu. Principalmente na minha vida de atleta e professor de jiu-jitsu.

#### **Aqui no Amapá como foi sua inserção no jiu-jitsu local?**

1:08 a 2:21(primeiro vídeo)

“No Amapá, quando eu cheguei aqui no Estado. Eu procurei a academia que era a única academia de jiu-jitsu que tinha aqui. Em 97, a primeira vez quando eu vim para o Estado... Eu procurei a academia do Magnus Décio, na época em 97, 98, eu acabei o conhecendo. Dei uns treino lá também, e quando foi em 2000 que eu retornei para ficar, eu acabei revendo um amigo do Rio de Janeiro que é Fábio Carvalho. Procurei na época a academia Mente e Corpo com o professor Ney, Ney Lourinho, e agente acabou conversando, eu e Fábio Carvalho, e começamos a entrar num consenso de que a gente poderia montar uma equipe paralela àquela lá. Foi quando a gente acabou montando a equipe Fábio Carvalho. Como ele era mais graduado do que eu, na época eu era faixa azul e ele era faixa roxa, acabou por levando o nome dele. Aí a gente começou a dar uma guinada no jiu-jitsu aqui também dentro do estado do Amapá”.

### **Quando você chegou aqui em 97 quem estava afrente do esporte?**

2:29 a 3:13 (primeiro vídeo)

“Na época era o Kleber que tava aqui, o Kleber Iglesias, o introdutor do jiu-jitsu no estado do Amapá. Logo após veio o Décio, eu já peguei essa transição do Kleber com o Décio, entendeu?! O Kleber teve que ir embora, porque o pai dele... Trabalhava na Procuradoria da Republica. Aí ele foi designado de novo para o Rio Grande do Norte. Ele teve que ir embora, foi para Natal. No retorna à Natal, ele acabou convidando o Magnus Décio para vim ministrar aula no lugar dele. Aí começou a história do jiu-jitsu amapaense por aqui”.

### **Como era as competições antigamente?**

3:20 a 4:57 (primeiro vídeo)

“Nessa época não existia competição aqui. Existia assim: torneios internos. Como era só uma equipe, todos os atletas acabavam se enfrentando... Logo depois com a nossa chegada, pra cá pro Estado, a gente quando montou a nossa equipe, O Magnus Décio foi embora e ficou o Ney Lourinho. Nisso que ficou o Ney Lourinho, a gente acabou criando outro polo, uma outra academia que ficou o Fábio Carvalho. A gente acabou rivalizando, de uma forma bem enérgica na época... Na época os campeonatos eram muito escassos. Era uma vez no ano, as vezes ficava anos sem poder participar de um evento. E era só um área naquela época... Pro que é hoje, aquela época foi bem cruel! Eram poucos competidores também, o nível máximo que a gente consegui colocar, na época, era até faixa azul. Não conseguíamos botar lutas de

faixa roxa, porque não existia... hoje você vê uma gama de faixas pretas lutando nos eventos. Naquela época foi osso duro mesmo!

### **Com a criação de novas equipes, no início quantas existiam para ter uma disputa?**

5:29 a 6:52 (primeiro vídeo)

“Existiam... três academias, era a Kyoto lá com o Mário, tinha a Mente e Corpo e tinha o Udison, que dava aula na época na Top Lite que funciona no *shopping*... Então existia três equipes na época quando eu cheguei aqui. Porém, a gente acabou criando a quarta, que foi a equipe do São José, a equipe Fábio Carvalho. Muito desses caras da antiga acabaram se unindo no São José. Aí o treino foi ficando muito forte, muito bom. Com isso a gente acabou criando uma equipe nova, e... A equipe do Udison acabou, a Kyoto acabou e ficou só ficou a Mente Corpo, que era o Ney Lourinho, e o Fábio carvalho que era com a gente lá. Hoje tenho uma equipe, Big Dog Team, sou representante da Soul Fighters DGT no estado do Amapá”.

### **Quais os projetos da Federação que você representa?**

7:04 a 7:24 (primeiro vídeo)

“A gente tem alguns projetos em mente, em querer levar o jiu-jitsu a todos os municípios do estado do Amapá, através de uma parceria com a Secretária de Segurança Pública, se Deus quiser e der tudo certo a gente vai conseguir implementar o jiu-jitsu nessas localidades como projeto social.

### **Foi você que criou a FEJJA?**

7:43 a 10:07 (primeiro vídeo)

“Eu não crie a FEJJA... A FEJJA já existia, só que ela tava inativa em termos de eventos. Mas ela tava ativa na forma burocrática, documental... Eu, além de trabalhar como professor de jiu-jitsu, sempre gostei dessa parte burocrática, de promoção de eventos. Sempre procurei a evolução do esporte. Cara! Eu amo o jiu-jitsu! Sempre procurei a evolução. Através de grandes contatos que eu tenho e tive, graças a Deus, o jiu-jitsu nunca me deu dinheiro na vida, mas graças a Deus ele me deu amizades. Eu vi a necessidade do estado do Amapá, antigamente era muito escasso de eventos. Até meados de 2014, era muito, muito poucos eventos, e os eventos eram horríveis comparado a outras localidades aqui na Região Norte, a outros estados que ‘teoricamente’ não tinha tradição no evento. Os caras já estavam promovendo eventos de primeiro mundo, dentro do Norte. Porque o Amapá não foi inserido,

não conseguiu acompanhar esse ritmo? Foi devido a *business*, os caras sempre pensaram em fazer evento e tirar o lado deles. Então as Federações aqui nunca tiveram tanto poder para chegar e pegar para si toda essa responsabilidade, e usar o poder de Federação que é legitimado de fato e de direito perante a todas as entidades, as secretárias. A gente buscou essa ideia e abraçamos... Eu falei: vamos tocar os eventos, vamos fazer algo bem coletivo, vamos buscar esse lado de ajudar. Com certeza a gente iria plantar algumas sementes que iríamos colher mais a frente, e hoje em dia a gente tá colhendo muito bem o que a gente plantou lá trás”.

### **Há quanto tempo a FEJJA existe?**

10:11 a 11:09 (primeiro vídeo)

“A FEJJA já existe há seis anos, foi criada em 2012... Teve a frente o primeiro professor, que foi o Amerson Leão, mas teve outros professores que ajudaram. Quando terminou o mandato dele, ele de forma legítima anunciou nas redes sociais, num veículo de informação diário... Acabou abrindo mão e chamando a galera para montar a chapa para concorrer. Aí eu prontamente, sabendo da necessidade que o jiu-jitsu tinha. Eu com as ideias que já tinha em mente, montei a chapa e fui lá concorrer, e saímos vitoriosos graças a Deus, em julho de 2017”.

### **Com implementação de suas ideias, como a de apresentar um calendário de competições, foi essencial para o crescimento do esporte?**

11:43 a 14:03 (primeiro vídeo)

“Quando nós lançamos o nosso calendário em novembro de 2017... Eu posso te dizer que houve um estrondo dentro da comunidade do jiu-jitsu, por quê? Porque no início existia aquela questão da dúvida, pô! ‘Será que esse cara vai fazer, será que ele vai continuar com esse trabalho. Eu, a muitas dúvidas eles queriam que fizesse evento em 2017. Só que tem uma coisa que a gente tem que aprender a fazer, de antes de tudo, é organizar a casa. A gente foi, organizou toda parte documental da FEJJA. Readequamos ela ao Ministério dos Esportes, para agente poder entrar em 2018 com o apoio. Essas ideias eu já tinha a muito tempo atrás, a 15 anos atrás, só que era na minha época, como eu não sou do estado do Amapá, sou do Rio de Janeiro, lá as coisas funcionavam de outra forma e quando eu quis trazer isso pra cá, pô! Acho que os caras me viram como um visionário e acabaram não me dando muito apoio. Mas hoje em dia a gente consegue implementar aquelas ideias todas que teve lá fora, e uma dessas

ideias foi para que os professores... A gente lança o calendário programático do ano decorrente, para que os professores se adequem a tudo o que a federação vem a oferecer. Então, as outras entidades, claro que vão querer bater e frente... Isso é uma concorrência extremamente sadia, desde que saibam ser concorrente leal. Quando a gente lança o calendário, todos têm que se adequar e nós tivemos a se adequar ao calendário deles também.

### **As Federações existentes no Amapá são fundamentais para a evolução do esporte?**

14:11 a 15:09 (primeiro vídeo)

“Não adianta só uma entidade, só uma empresa fazer o evento de jiu-jitsu e monopolizar essa questão de eventos. Não existe evolução! Quando a gente busca a fazer eventos é para que haja evolução. O atleta é testado mais vezes, o atleta, ele é posto ao limite dos treinos dele, ele se põe no limite numa luta... Claro que tu fomenta o esporte, tu fomenta academia a estarem com mais atletas, os curiosos, as pessoas que simpatizam pela luta vão procurar... Assim vai indo, a gente procura ver dessa forma o jiu-jitsu”.

### **Quando foi que o jiu-jitsu no Amapá começou a ter mais competições?**

00:03 a 00:48 (segundo vídeo)

“De uma forma coletiva, foi a partir de 2014 quando nós trouxemos o Norte-Brasileiro para cá. Daí para frente... Começaram a ter mais eventos. É aquele negócio que eu falei, quando há concorrência as entidades tendem a buscar sempre o melhor”.

### **Por que existem duas Federações de jiu-jitsu no Amapá?**

1:01 a 2:27 (segundo vídeo)

“No jiu-jitsu existem várias Confederações: Confederação Brasileira de Lutas Profissionais, Confederação Brasileira Jiu-Jitsu que é a tradicional, digo tradicional porque é a primeira, tem a CBJD que é a Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu Desportivo, tem a CBJJE que é Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu Esportivo... As federações que existem, por exemplo, a Federação que eu presido, ela é credenciada pela CBJJE... Que é a terceira maior Confederação de jiu-jitsu do mundo... Quando te digo que existem duas Federações, elas são ramificações dessas Confederações. Porém, uma coisa que vale ressaltar é que a FEJJA, Federação de Jiu-Jitsu do Estado do Amapá, é a única Federação credenciada junto a Secretária de Esporte e Lazer no estado do Amapá. Sendo considerada como órgão oficial do

jiu-jitsu no estado Amapá, devido sua parte documental que tem para comprovar tudo isso que eu tô dizendo.

### **Como o esporte era visto pela comunidade e pela imprensa local?**

2:53 a 5:02 (segundo vídeo)

“O jiu-jitsu era visto como um esporte praticado por marginais... O jiu-jitsu, para quem não entende toda uma filosofia, que envolve a pratica do jiu-jitsu, o praticante acaba indo para um lado negativo. É muita adrenalina, se a pessoa não tiver uma boa coordenação dentro de um local onde se pratica jiu-jitsu, se o professor dele for desqualificado ele vai tá criando um marginal. Isso aí é sem dúvida! Isso não é só no jiu-jitsu, isso é em qualquer arte marcial. Mas como o jiu-jitsu era muito preferido, não só agora como na época dos Gracies, porque promoviam esses confrontos por intermédio de ameaças, de rixa, então o jiu-jitsu cresceu com toda essa propaganda negativa. E claro! Quando tu vê um ou dois, três, no máximo, de praticante excedendo, acaba criando uma imagem negativa e a imprensa tem como *merchandise* dela promover algo que dê notícia, entendeu?! Então o jiu-jitsu sempre foi um ponto atrativo para qualquer imprensa, tanto sendo escrita como visual, rede sociais, isso foi sempre um prato cheio para imprensa para poder deturpar a imagem do jiu-jitsu. Mas graças a Deus, com a evolução, o jiu-jitsu tendo um crescimento muito grande as coisas mudaram muito mesmo, principalmente aqui no estado do Amapá.

### **Você lembra de alguma reportagem no âmbito local que feriu a imagem do jiu-jitsu?**

5:12 a 6:25 (segundo vídeo)

“O cara foi falar na mídia que tinha sido um praticante de jiu-jitsu que tinha aplicado um golpe, cujo o nome é mata leão, e matou o cara e foram denegrir a imagem que o cara era praticante de jiu-jitsu. Só que ele nunca entrou numa academia meu irmão! Para quem não sabe, o mata leão, ele não é um estrangulamento oriundo do jiu-jitsu. Sim! Comumente se tornou o jiu-jitsu brasileiro, patenteado e reconhecido pela Kodokan no Japão, como sendo uma arte marcial oriunda do Brasil... O mata leão pode ser da capoeira, pode ser do judô, pode ser de qualquer outra, por que só do jiu-jitsu?! Assim, a mídia tende sempre manipular pro lado negativo ou positivo. Dependendo do que vai ser atrativo para eles, então, essa é a visão que a gente tem na mídia, e foi um dos casos mais notório envolvendo o jiu-jitsu”.

### **O jiu-jitsu vai fazer parte dos jogos escolares no Amapá?**

7:01 a 8:22 (segundo vídeo)

“Nós demos entrada no bolsa esporte... A gente tá entrando com um pedido a uma deputada estadual, para que ela veja todo esse sistema de lei para que ela reavalie e ente, e implemente nas modalidades amadoras também. Isso vai beneficiar o jiu-jitsu. Conseguimos colocar o jiu-jitsu nos jogos escolares de 2019, graças a Deus isso é algo formidável. Isso fomenta bastante! Mas numa forma geral atual, é muito difícil tu viver do jiu-jitsu... Poucas pessoas conseguem viver bem do jiu-jitsu, no máximo umas seis pessoas são bem sucedidas no jiu-jitsu dando aula, hoje, no Estado. Fora isso, eu não vejo o jiu-jitsu como algo rentável. Mas a gente procura como Federação fomentar e dar um outro rumo para que a pessoa possa sobreviver do jiu-jitsu”.

### **Como você vê a inserção das mulheres no Jiu-Jitsu?**

8:52 a 10:45 (segundo vídeo)

“Eu particularmente vejo no jiu-jitsu feminino todo um glamour! É mais empolgante tu vê uma luta feminina do que masculina. Hoje em dia as meninas tão no gás. Acho que o jiu-jitsu, hoje, tá muito show”.

### **Como você vê a evolução do jiu-jitsu?**

“Eu falo com toda a honestidade, a gente conseguiu colocar o jiu-jitsu entre os três melhores da região norte, Amazonas, Pará e Amapá. Antigamente o jiu-jitsu estava em decadência. Hoje, dentro do Estado a Federação de Jiu-Jitsu do Estado do Amapá da premiação para equipe... Nenhum estado da Região Norte Premia, ou seja, a gente tá colocando jiu-jitsu aqui! Claro! A gente tem muito que correr.

## **ENTREVISTA 4 – THAYNNE Santos - FAIXA MARROM - 16 -11 -2018**

### **Qual é sua história no jiu-jitsu?**

07:00 a 01:58

Eu iniciei no jiu-jitsu no final de 2009, através do meu pai. Assistia muita luta com ele, boxe e MMA. Acabei me interessando pela luta, a minha melhor opção foi o jiu-jitsu. Achava o muay thai achava muito repetitivo, não senti atração e o jiu-jitsu foi tipo amor a primeira vista... No início além de eu ser mulher eu era uma criança. Foi muito difícil, tinha toda aquela questão da adolescência, da fase da maturidade. Eu sofri várias discriminações, inúmeras vezes. Eu sou o sexo frágil, eu era nova, comecei no jiu-jitsu com doze anos. Então eu acabava sempre sendo discriminada, era o treino que eu ficava de fora. Todo mundo tinha

medo de me machucar... Isso acontecia de um modo geral, a luta em si, o combate em si sempre foi um esporte masculino.

### **Seus pais aceitaram sua entrada no jiu-jitsu?**

02:19 a 02:41

A minha mãe queria que eu fosse modelo e eu cheguei a desfilar umas duas vezes. Já o meu pai sempre me incentivou a fazer tudo o que eu quisesse. Eu cheguei a fazer antes do jiu-jitsu natação, fiz balé, fiz tênis de quadra, mas eu vim me encontrar no jiu-jitsu mesmo.

### **Na época que você começou a treinar existia uma quantidade de meninas que também praticavam jiu-jitsu?**

02:47 a 03:42

Era contato nos dedos, tinha umas cinco meninas na minha classe e na academia de modo geral acho que não tinha dez praticando jiu-jitsu... Hoje é gratificante ver o revolução que o jiu-jitsu teve, ver o quanto evolui, o quanto melhorou, o quanto as mulheres buscam o jiu-jitsu. O jiu-jitsu é um esporte tanto competitivo, quanto comercial hoje em dia. E é bom, tem gente que ainda discrimina, mas é bom, as mulheres deveriam praticar jiu-jitsu. A gente se sente mais confiante, menos insegura para andar na rua. Fez toda diferença na minha vida em particular, acho que na vida de todo mundo que é praticante.

### **A que você atribui a acessibilidade ao jiu-jitsu?**

04:13 a 04:32

O jiu-jitsu se tornou um esporte mais acessível quando começaram a ser criados os projetos sociais. Independente do gênero começou lá. O interesse no jiu-jitsu se tornou maior, se tornou mais procurado. A gente percebe isso por volume, a quantidade de gente treinando, a quantidade de gente que participa de campeonatos.

### **Quando você decidiu ingressar no mundo da arbitragem de lutas de jiu-jitsu?**

04:52 a 06:21

Em 2016 teve um curso de regras da CBJJE aqui no Estado, eu fiz e daí começou a curiosidade pelo mundo da arbitragem. Sempre fui competidora desde muito nova e sempre queria entender para fazer de acordo para não ser punida. Sempre estudei as regras para jogar dentro delas. Em 2017, um ano após o curso, comecei a me interessar de fato. Fui buscando, comecei a ter contato com pessoal que faz parte do grupo de arbitragem e falei pra um deles do meu interesse. E ele disse que era possível, que eu deveria a começar a arbitrar. Deveria começar num campeonato mais simples até um campeonato estadual... Quando ia arbitrar um

campeonato mais simples não deu certo, acabou tendo alguns problemas de última hora. Não consegui. Comecei a estagiar num campeonato estadual que foi esse ano na Strike Zone. E foi uma experiência fantástica. Eu ganhei muito experiência na minha vida no jiu-jitsu, tanto dentro quanto fora do tatame. É diferente, é você ver as lutas, o jiu-jitsu de outro ângulo.

**Como foi a recepção da diretoria de arbitragem quando você ingressou na equipe?**

06:40 a 07:10

Quando eu comuniquei o diretor de arbitragem que eu tinha interesse em fazer parte do grupo, ele foi muito simpático. Disse que seria importante, seria interessante ter uma mulher no grupo, seria importante ter uma opinião feminina e eu não senti discriminação de um modo geral de ninguém. Todo mundo me recebeu muito bem, sempre que eu erro eles me chamam a atenção. Eles estão dispostos a ajudar.

**Agora que você é árbitra, como foi a inversão de papel de lutadora para arbitrar lutas?**

07:19 a 08:07

Quando a gente é competidor, a gente nunca entende a posição do árbitro. Se o árbitro desclassifica, se o árbitro pune a gente só reclama, só xinga e só acha ruim. Quando você é árbitro, você é o xingado. É completamente diferente, eu inverti o meu papel... A adrenalina é diferente, dá nervoso também, a gente tem medo de errar porque a gente vai ser julgado errando ou acertando. O árbitro tem que ser muito intuitivo, é bem complicado está dentro do tatame do outro lado, não sendo competidor.

**Você já pensou em parar de treinar?**

08:48 a 09:24

O jiu-jitsu não é o meu hobby, porque já tentei para de fazer jiu-jitsu algumas vezes. Já me afastei da modalidade, tentei fazer outras coisas, focar na faculdade, mas eu não consigo. O jiu-jitsu para mim é uma paixão, uma válvula de escape. É onde a gente investe não só tempo, também investe dinheiro e é uma coisa prazerosa... Você acaba na maioria das vezes tirar do seu próprio bolso. Mas a gente não reclama não, fazemos com muito prazer.

**Qual é sua visão com relação ao crescimento do número de praticantes mulheres no jiu-jitsu?**

13:16 a 14:49

Eu acho que o esporte tende a alancar. E aqui no estado do Amapá tem sido notório a participação feminina, não só competindo, eu digo por mim que dei a iniciativa. Foi um ponta pé as mulheres entrando na arbitragem. Eu já trabalhei de STAFF, que fica dando apoio no

campeonato, também tem muitas mulheres que fazem isso. Hoje em dias as mulheres estão conseguindo chegar a graduações maiores. A aqui no estado do Amapá são poucas que chegaram a faixa preta e a faixa marrom também. Geralmente abandonam na branca, mais tardar na azul... Eu convido todas as mulheres a praticarem jiu-jitsu. É um esporte que te deixa confiante, você não se sente mais insegura de tá sozinha, de tá na rua, você sabe que tem pelo menos como se defender. As artes marciais tendem a isso em nível de defesa pessoal. Dá para emagrecer praticando jiu-jitsu, que é que muita gente procura no esporte.

#### ENTREVISTA 5 – RENILDE FAÇANHA (MÃE DO FRAN) 04 - 01 – 2019

##### **Qual é o seu nome e você é mãe de quem?**

00:16 a 00:28

##### **No início que ele decidiu treinar jiu-jitsu, você era a favor ou contra?**

00:49 a 02:10

No fundo, no fundo, não! Porque eu tenho muito medo de machucar. É aquela proteção de mãe. Medo do filho se machucar, ter uma lesão forte. Era o que ele queria, eu respeito a vontade dele... No início eu aceitei, mas depois eu fui assistir uma luta dele e fiquei desesperada. Eu não conheço as regras, então eu pensei que ele tava apanhando... aí eu me desesperei, eu quis ir pro ringue, eu quis tirar... Aquele medo de perder o filho, com luta e se machucar, coisa séria né! Mas eu fui me acostumando.

##### **Hoje, você assisti as lutas de seu filho?**

02:12 a 03:05

Não! Eu não assisto. Eu não assisto nem luta na televisão. Eu não gosto. Gosto de saber só o resultado. Mas eu ir lá é muito difícil... Eu já assistir umas duas lutas dele. Lá no avestino eu fiquei até o final, assisti muito nervosa. Mas é o que ele gosta, tenho que respeitar... fico pedindo a Deus que ele não se machuque e que não machuque o seu adversário.

#### ENTREVISTA 6 - TADEU BELTRÃO - 23 - 08 - 2019

00:42 a 12:20 (primeiro vídeo)

##### **Qual é sua história no jiu-jitsu?**

Ela começou em 97... antes de 97 eu fazia a luta greco-romana. Como não tinha muita competição na luta olímpica... eu sempre fui competitivo, aí eu migrei para o jiu-jitsu e comecei a competir... eu me adaptei muito bem ao jiu-jitsu, até porque a luta greco-romana

também é agarrada. Quem me levou foi o meu primo, ele parou e eu o graduei a faixa azul, e quem me apresentou ao jiu-jitsu foi um amigo meu de infância, o Adriano, ele mora perto de Porto Velho. Ano que vem faço 14 anos de faixa preta. Eu cheguei no Estado em 2006, e quando eu cheguei aqui no Estado só tinha o Frankiko de faixa preta... Teve um momento que iria embora do Estado, só que jiu-jitsu fez com que eu ficasse... Antes de eu vim para cá, o Jorge já tinha me contratado para dar aula na academia dele, como era raro naquela época faixa preta... Até então meu pai mora aqui e eu vim também morar aqui por causa dele. E como Macapá naquela época não tava tão desenvolvida como ela tá hoje, eu estranhei muito, até porque não tinha amizade aqui, minha amizade era toda de Belém. Aí teve um momento que tive vontade de ir embora, só que como tinha montado a turma, o meu primeiro aluno foi Alex, eu já tinha meu compromisso com ele. Foi o compromisso que tinha com o Alex que fez com que eu ficasse aqui e meu pai também. Depois eu comecei a visitar as academias e fiz amizade com todo mundo. O pessoal me recebeu muito bem, eu morava lá no Cabralzinho e o pessoal ia até o Cabralzinho me buscar, porque naquela época não tinha carro, tinha que vim andando do Cabralzinho pra cá pro Centro... Cheguei dar aula para uma galera da antiga que era do MMA. Logo depois a gente viu que a galera começou a pegar a faixa preta que já tava no tempo e desde daí, que a galera foi pegando a faixa preta, foram montando suas equipes o jiu-jitsu deu um pulo muito grande aqui no Estado. Logo depois eu assumi a presidência da Federação, que vinha o Frankiko, veio Amerson e depois eu peguei. Mas antes disso, a Federação existe desde 2000, foi Kleber Jansen, o Décio e o Carvalho, que até mora no Rio, eles já tinham formado a Federação. Eu peguei a Federação desde 2011... ninguém queria pegar, realmente era muito trabalho, as pessoas que tinham outros trabalhos para fazer e naquela eu tava com tempo para assumi-la. Eu assumi a Federação, não de direito, só de fato, fui ser presidente de direito e de fato em 2015. Porque a gente teve que regularizar a documentação, teve que reformular a ata e o estatuto... Em 2015 conseguimos formalizar tudo, desde então a gente fez um trabalho mais intenso com o jiu-jitsu.

Nós fizemos o nosso primeiro evento foi em 2009, foi até o ano que o Orlando Junior pegou a faixa preta, talvez Urso tenha pegado também, não tô lembrado. Nosso primeiro evento foi a copa Vulcano. Semana passada, inclusive, eu tava tentando lembrar, porque eu tinha arquivo, roubaram meu notebook eu perdi várias arquivos de quando a gente começou a montar os primeiros eventos aqui... Aí eu tava tentando lembrar da quantidade de evento que nós fizemos até hoje, acredito que seja mais de 30. Hoje nós temos um calendário bem formatado,

nós fazemos de um ano para o outro e a gente sempre acompanha o calendário das competições.

O jiu-jitsu teve uma evolução muito grande, inclusive houve a criação de uma nova Federação. Isso também fez com que a gente se preocupasse mais. Uma competição que na verdade quem ganha são os atletas, porque uma vai querer apresentar um melhor trabalho que a outra. E aí começamos a profissionalizar mais o jiu-jitsu ainda. Hoje nós fazemos em média sete eventos, nós participamos de outros eventos fora do Estado. E o nosso estado não fica atrás de ninguém em questão organização e técnica. Nós estamos evoluídos, não só no Brasil, quanto fora do Brasil. Eu tive a oportunidade de lutar o europeu, esse ano, em janeiro, e aí eu vi o nível. Lógico que tem competições que são mais elevadas do que outras, mas com um todo a gente viu que o nosso jiu-jitsu daqui é excelente, as nossas competições também são excelentes, inclusive fui convidado para fazer um evento em Portugal.

Esse ano a gente deu um boom máximo, se a gente for contar o quantidade de competições a gente tem praticamente uma por mês. Coisa que nenhum outro esporte aqui tem, acho que o jiu-jitsu é o esporte que mais tem competição aqui no Estado. A gente revela muitos atletas, vários atletas estão competindo fora e tão ganhando.

### **Como surgiu a ideia de criar um programa televisivo voltado para o jiu-jitsu?**

12:32 a 14:14

O boom que te falei, que a gente criou agora um programa na TV aberta. É coisa inédita não só aqui no Estado e mundialmente que fala exclusivamente de jiu-jitsu... A intenção era para rádio, como apareceu a oportunidade de ir para TV a gente agarrou. Até porque matéria nós temos bastantes, atletas nós temos bastante. A gente já entra com o programa com um público, a gente já tem o nosso público alvo e ganhando a cada programa mais gente que se interessa. Várias pessoas me perguntaram a respeito do jiu-jitsu, que não conhece, eles sempre fizeram o elo do jiu-jitsu com o MMA... Esse programa é o que tá passando para as pessoas que não entendem essa relação, que é diferente o MMA do jiu-jitsu. Hoje vamos dizer que o jiu-jitsu até supera, nós temos muitas competições... A gente vê atletas que pretendiam ir para o MMA e não vão mais porque jiu-jitsu tá sendo bem rentável.

### **Por que da escolha dos esportes de combate?**

14:35 a 15:37

Eu comecei no karatê, porque era gordinho e era um cara que todo mundo fazia bullying e aí comecei a fazer a arte marcial por causa disso... Mas isso me deu um controle muito grande, antes, quando eu era garoto, que eles faziam bullying a gente já ia pra porrada e resolvia ali. Depois que comecei a fazer o esporte em si: karatê, jiu-jitsu e greco aí isso me deu um controle muito grande e desde daí o pessoal até tira graça comigo, ‘pô nunca vi o Tadeu estressado e aborrecido’, porque realmente o jiu-jitsu me dá esse controle.

### **Como surgiu a paixão pelo jiu-jitsu?**

15:48 a 17:39

Foi com as competições... tudo que é um desafio pra mim aí é que eu faço, justamente para quebrar essas barreiras do medo vamos dizer. Eu tinha medo de me expor, de falar em público e entrar em combate. E no jiu-jitsu como tinha bastante competição, não como é hoje, ira para as competições com medo. Mas quando eu entrava no tatame que começa a suar já acabava tudo e ficava mais empolgado para lutar outras competições. Sempre foi um desafio para mim participar de competição, como é um desafio fazer com que o jiu-jitsu esteja no patamar de hoje. Hoje o jiu-jitsu teve um crescimento muito grande, lógico que ninguém faz sozinho. Isso daí é a ajuda de vários professores, são peça fundamental. Nós tivemos pessoas que passaram no jiu-jitsu do Amapá que deram sua contribuição. Tenho certeza que todos que praticam dão sua contribuição, direta ou indiretamente pro crescimento do esporte. Hoje a gente vê um boom tão grande, mas não tá nem perto do que a gente quer, a gente quer muito mais do jiu-jitsu aqui no Estado.

### **Qual é o trabalho que está sendo realizado para fazer com que o jiu-jitsu mantenha-se crescendo?**

00:22 a 6:43 – (segundo vídeo)

Hoje o trabalho que eu acredito que mais seja relevante é o trabalho com as empresas privas, por quê? Hoje a gente vê que o Estado não tem como manter, a crise é muito grande. Não adianta a gente querer que o Estado vá abraçar o jiu-jitsu como a gente quer, porque o Estado não tá conseguindo abraçar as outras modalidades, vamos dizer que sejam as olímpicas, e a gente não pode contar com isso. Eu foco muito na iniciativa privada para isso, hoje o jiu-jitsu que não é olímpico, hoje tem um mercado muito grande, hoje o jiu-jitsu se mantém sozinho. Seria legal o Estado custear isso? Excelente! A gente iria dar um boom muito maior, mas aí não dá. Não adianta a gente tampar o sol com peneira, agente tem que ir atrás e fazemos muitas parcerias com a iniciativa privada, justamente para que isso não pare. Hoje a gente tem essas empresas que são os nossos parceiros, elas também querem uma contrapartida, ou seja,

tudo tem que ter uma contrapartida... Hoje, projetos sociais têm bastante, quem tem projeto social custeia do seu próprio bolso. O Estado não vai dar nada mesmo, porque têm outras prioridades, no meu entendimento também isso seria é uma prioridade, mas em fim! Cada um vai fazendo sua parte. A gente tenta aliar a iniciativa privada como jiu-jitsu, o mercado é muito grande consumidor, temos um exército de consumidores dos mais pobres aos mais ricos. Quando se coloca o kimono não tem como diferenciar ali o rico do pobre, dentro do tatame todo mundo é aluno, todo mundo é jiu-jiteiro. A gente aproveita para fazer com os professores recebam, a gente faz os eventos nessa contrapartida que tem um custo o evento e é pago pelos atletas, aí fomenta. Num evento desses nós temos entorno de 40 pessoas trabalhando direta e indiretamente, recebendo por isso. O professor ganha, porque quando tem evento a academia aumenta a quantidade de atletas, ele vende kimono, a loja vende kimono, ele vende patch para colocar no kimono, ele ganha com a graduação, ou seja, é uma cadeia e é essa cadeia que eu não quero que pare. Porque quando o esporte depende só do Estado e quando governo para de repassar vai ter que ter outra forma de se manter. A gente começou ao contrário, temos uma forma de se manter e se o Estado for entrar e for sair isso vai independe, o jiu-jitsu vai continuar. A gente não quer fique uma relação de Estado e jiu-jitsu que vai só de um, onde só jiu-jitsu vai sugar. Porque o professor precisa receber para dar aula, precisamos tirar as crianças das ruas e o jiu-jitsu é uma ferramenta formidável para isso... Se o Estado ajudar os projetos vai ser maravilha, tudo isso daí que eu falei vai gerando uma cadeia. Uma coisa fomentando a outra e aí o jiu-jitsu dá um passo grande, o Estado se beneficia porque tira jovens da marginalidade das drogas sem falar na questão da saúde. O jiu-jitsu não tem idade, pode ser eito da criança ao idoso, qualidade de vida. A maioria dos meus alunos estão acima dos 30 anos, são pessoas que querem uma qualidade de vida. Não é para competir, é para desestressar. Esse público é o que eu mais foco na minha academia, apesar de ter alguns atletas também.

### **É possível viver exclusivamente do jiu-jitsu?**

6:46 a 9:21

Ainda não, para viver do jiu-jitsu a gente tem que batalhar bastante... Não só o jiu-jitsu, na verdade o esporte em si. Quando a pessoa tá na dificuldade, a primeira coisa que a pessoa corta é a parte do esporte, que eu acharia que não deveria fazer isso. Porque a pessoa tem uma forma de distrair, porque a arte marcial em si ela te ajuda a pensar melhor, a refletir melhor sobre as coisas. Quando dá um aperto nas pessoas a primeira coisa que ela corta é a academia.

Hoje a gente ainda não vê aqui no Estado, apesar que a gente vê o crescimento muito grande do esporte em si, não só do jiu-jitsu, mas não vê o esporte como uma coisa primordial... A gente não tem essa quantidade de atletas que pagam para fazer. Hoje, tem pessoas dentro do projeto social que tem condições de pagar, mas estão no projeto porque não querem pagar uma academia. Mas aí a gente vê a qualidade, as academias que são pagar, hoje, a qualidade é muito boa, tanto do professor como da estrutura em si.

Viver exclusivamente do jiu-jitsu, só o Orlando. Mas ele tem uma mega estrutura... Hoje contamos no dedo as pessoas que vivem do jiu-jitsu, trabalham com o jiu-jitsu, mas tem outras rendas por fora. Eu trabalho também com o jiu-jitsu. Vamos dizer que eu, hoje, estou exclusivo pro jiu-jitsu. Porque tenho programa, tenho minha academia, tenho a Federação.

### **Além do jiu-jitsu você trabalha com outra atividade?**

10:09 a 10:30

A pouco tempo eu trabalhava no Tribunal de Contas, aí sair que foi que viajei para Europa. Foi que eu decidi que esse ano ia me volta exclusivamente pro jiu-jitsu. Hoje, eu tô exclusivo pro jiu-jitsu e um bora ver até onde dá para ficar.

### **Com relação a mídia, qual era o tratamento?**

10:42 a 11:44

Não só a imprensa, todo mundo tinha. Muitas das vezes as pessoas gostam do que não é bem aceito. É que nem o pitbull, ele pegou uma proporção muito grande porque era marginalizado, mas não era proibido e as pessoas queriam ter. o jiu-jitsu vamos dizer que era assim, o jiu-jitsu teve que ganhar o seu espaço lutando, mostrando que a arte marcial do jiu-jitsu era superior as outras. Foi a família Gracie que criou o MMA, que foi justamente para apresentar o jiu-jitsu para o mundo, e hoje o jiu-jitsu é mundialmente conhecido. E o que nasceu aqui no norte, o nosso brazilian jiu-jitsu.

### **Seus pais aceitaram sua entrada no jiu-jitsu?**

12:00 a 13:01

No meu caso, o meu pai queria que eu só estudasse. Ele falava: 'não! Porra de esporte, tal não sei o quê'. Hoje, ele já aceita, ele vê a importância do jiu-jitsu tanto na minha vida, tanto no conjunto que o jiu-jitsu trouxe de benefício para mim. E muitas pessoas tinha essa imagem do jiu-jitsu e hoje mudou bastante. A gente vê dentro do jiu-jitsu idosas, crianças, pais e famílias.

A gente tem na academia aula com crianças autistas, que antes seria um “trabalho difícil” e hoje não, e um trabalho formidável.

### **Como você descreveria o jiu-jitsu na sua vida?**

13:24 a 13:56

O jiu-jitsu é o meu porto seguro é a coisa que me direciona, e que hoje me dá minha condição de vida... E o jiu-jitsu me proporciona essa alegria, saúde! Eu me sinto bem vindo pra cá, falar com meus alunos, receber para isso. É muito legal você receber fazendo uma coisa que você gosta.

### **Um professor de jiu-jitsu deve ter quais qualificações para dar aula?**

02:17 a 03:44 – (Terceiro vídeo)

O jiu-jitsu é uma válvula de escape. O cara tá desempregado, vai dar aula de jiu-jitsu. Agora, lógico, não pode dar aula de qualquer jeito, aí o cara tem que tá qualificado. Por exemplo, a gente os nossos diplomas reconhecido pela IBJJ, cursos de primeiros socorros, o professor tem que saber que tem que se qualificar, tem que saber que tem que ser reconhecido. A gente esbarra sempre nisso daí, o cara dá aula, mas não é diplomado, não é confederado. A profissionalização do jiu-jitsu é o que a gente mais busca. Eu tenho uma boa entrada nesses órgãos, por exemplo, a Polícia Militar é parceira e gente sempre faz as competições lá, o Bombeiro sempre que agente pede ajuda eles realizam cursos de primeiros socorros, que é justamente para qualificar os nossos professores. Acontece lesão, que é normal em qualquer esporte, ele tá apto para dar esse socorro de imediato para o seu atleta. A gente quer diplomar todos eles, isso tem que ser por passos.

### **As federações são independentes das confederações?**

04:11 a 06:02

As federações são autônomas da Confederação. A Confederação não apita nada dentro das federações e nem a Federação apita nada dentro da Confederação... Se a gente for ver calendário nacional, são competições de várias confederações, várias federações. Em Belém são cinco federações, aqui tem duas... Vai se ramificando. É o cara que não gosta do meu trabalho, então ‘eu vou abrir outra Federação’. Isso aí pode, não tem lei que proíba isso... As vezes o presidente de alguma Federação esteja fazendo alguma coisa errada, o cara não gosta, como não tem como tirar. Então vamos montar uma outra Federação, uma liga. A gente tem que fazer o que é melhor para o jiu-jitsu, Cada um tem sua linha e aí a galera vai aceitando.

### **Qual a dificuldade de se manter um projeto social?**

06:15 a 08:01

É o financeiro, o jiu-jitsu é um esporte caro, o kimono é caro, pagar academia. Tem projeto social, mas o cara não tem o kimono e para conseguir um kimono é difícil. O que é difícil as vezes, o que é barreira as pessoas não gostam de ir. O projeto social que seja feito corretamente, que tenha CNPJ, que seja criado não de qualquer jeito. Não adianta eu querer montar um projeto social se eu sou desempregado, se eu não consigo me manter. Como é que vou manter um projeto social desse. A gente não pode se passar por coitadinho, para que as pessoas vejam isso. O jiu-jitsu não precisa se fazer de coitadinho, o jiu-jitsu tem um exército muito grande que político tem que ir atrás. Porque a gente tem uma quantidade de gente que vota, são famílias e famílias, é o Estado todo... A gente pode tranquilamente com a quantidade de atletas, famílias e pessoas que estão agregadas ao jiu-jitsu, faz um deputado estadual, um deputado federal, pode fazer um senador. Isso depende muito da organização.